Páginas Abertas

PAULUS

ANO 42 • nº 71 • 2017

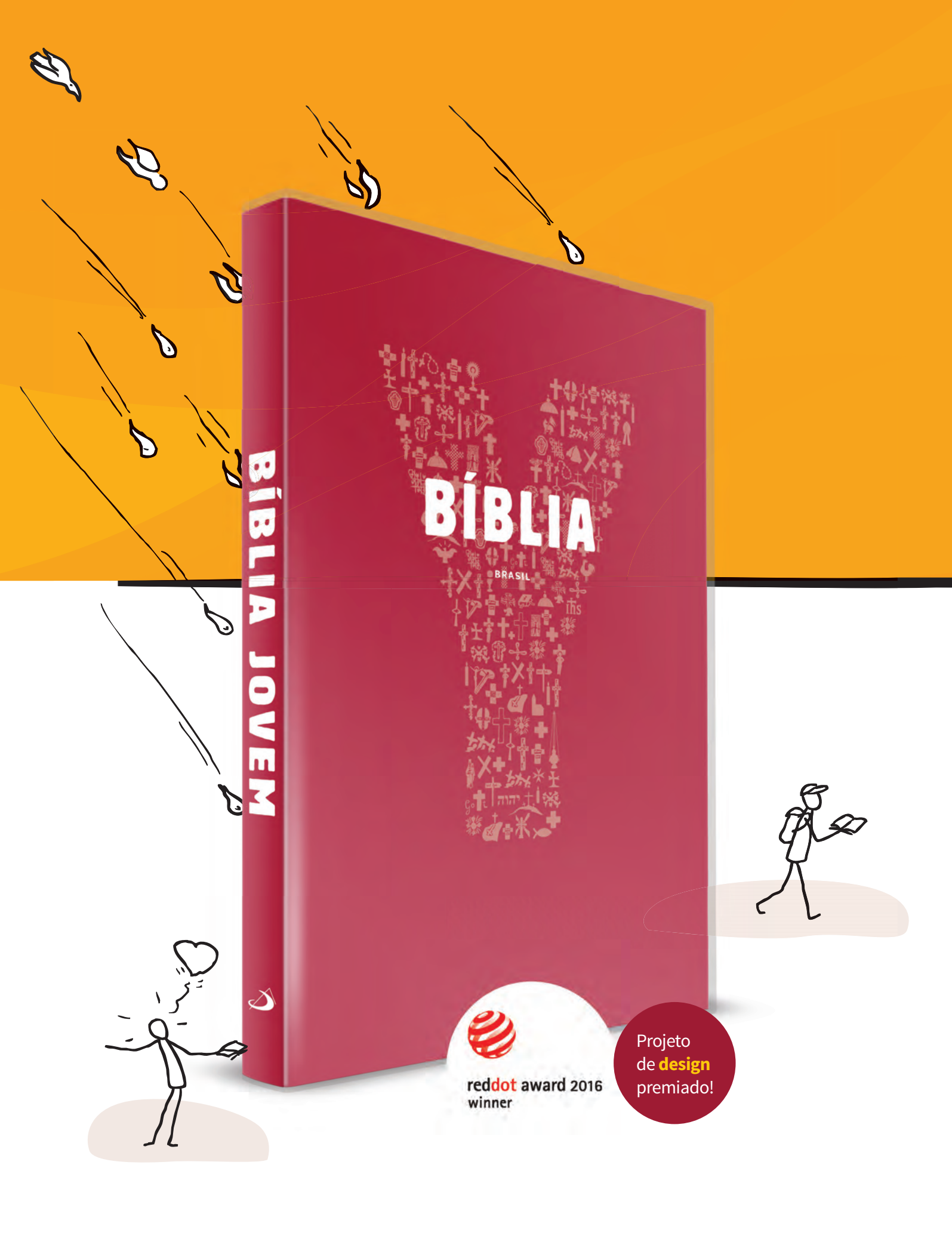
EDUCAÇÃO, AMBIENTE ESCOLAR E LITERATURA INFANTOJUVENIL

Tecnologia

O jogo “Baleia Azul”, o suicídio e a autoestima: o que morre antes de um jovem pensar em suicídio?

Cultura

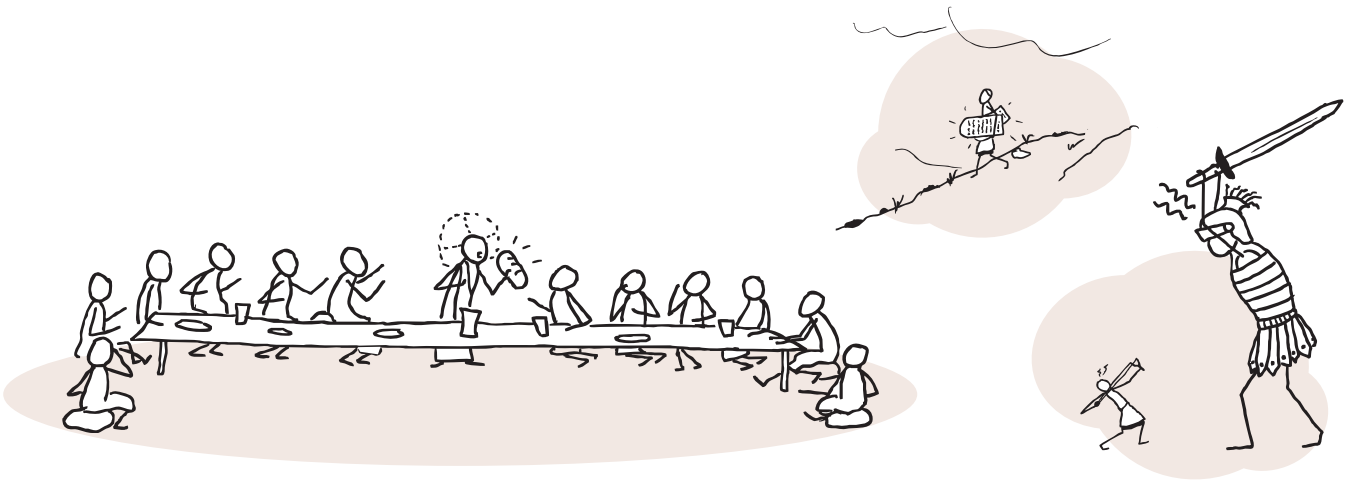
Com 25 anos de atuação, o Museu da Pessoa, em São Paulo, registra as histórias de vida de 17 mil brasileiros.


BÍBLIA
BRASIL
BÍBLIA JOVEM
reddot award 2016
winner
Projeto
de design
premiado!

“Vocês têm nas mãos algo de divino: um livro como fogo, **um livro no qual Deus nos fala**.”

Papa Francisco

A Bíblia não é um livro qualquer. Com a Palavra de Deus, a luz veio ao mundo e nunca mais se apagou! Na **Bíblia Jovem**, novo volume da coleção YOUCAT, você vai encontrar comentários de alguns dos textos da Sagrada Escritura, frases de santos, fotos, perguntas dos jovens e os famosos *stickmen**. Ouça a voz de Deus falando diretamente ao seu coração. Leia a **Bíblia Jovem**!



* Os bonecos-palito que ilustram as páginas do livro.

youcat.paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

A nossa palavra é
COMUNICAÇÃO

PAULUS

Sumário

CAPA

10 **12º Simpósio de Educação PAULUS**
Mais uma vez a PAULUS reforça seu compromisso com a educação e promove um encontro de atualização e reciclagem para educadores. Neste ano, o 12º Simpósio de Educação PAULUS abordou o tema "Educação, ambiente escolar e literatura infantojuvenil". Especialistas e autores discutiram os temas da educação em sala de aula e a importância da literatura voltada para os públicos infantil e juvenil.

06 **Entrevista**
Biblioteca: um lugar para ler, narrar e se reinventar
Conheça as principais mudanças no conceito de biblioteca ao longo da história. Para compreender a atualidade, conversamos com a bibliotecária e especialista em literatura infantil e juvenil Solange Oliveira.

16 **Saúde**
Política de prevenção às drogas e à violência no contexto escolar
Como realizar um trabalho de prevenção ao uso das drogas nos colégios e instituições? Para auxiliar no tema, a psicóloga Elismar Santander mostra como é possível enfrentar essa realidade.

18 **Tecnologia**
O jogo Baleia Azul, o suicídio e a autoestima
O tema preocupa especialistas, famílias, professores e educadores. Entenda como os jogos virais influenciam crianças e jovens do mundo inteiro. Para falar do assunto, convidamos o médico psiquiatra Dr. Augusto Cury.

22 **Cultura**
Histórias para contar e encantar
Conheça um museu diferente! Com 25 anos de atuação, o Museu da Pessoa, em São Paulo, abriga um acervo com 17 mil histórias de vida.

30 **Social**
A cena que pensa o tempo
Apresentamos o Teatro de Opinião, um projeto de atividades realizadas nas oficinas de teatro do Centro de Atendimento à Criança e ao Adolescente – PAULUS.

20 **Reflexão**
Intuição,
por Alexandre Carvalho

21 **Literatura**
A arara Lara,
por Antonio Iraildo Alves de Brito

24 **Filosofia**
Por que Filosofia nas escolas?,
por Neide Coelho Boëchat

26 **Didática**
O cinema na escola,
por Ana Carla de Oliveira

28 **Folclore**
Cultura popular e educação,
por Marco Haurélio

32 **Li, Gostei e Recomendo**
Mulheres... Seus mistérios e suas lutas as tornam extraordinárias,
por Dílvia Ludvichak

34 **Sala de Aula**
Projeto Coletânea Literária: Roseana Murray,
por Guida Weber

36 **Páginas Abertas Indica**
Literatura infantojuvenil, filosofia, ecologia e educação estão entre as indicações de leitura desta edição.

38 **Crônica**
Os jovens e a política,
por Douglas Tufano

Encarte
Especial Formação de Professor
O livro *Brasil: um mosaico de culturas* inspira novos leitores ao apresentar a cultura do Brasil e suas adversidades em formato de cordel. Com versos que narram fatos históricos de nosso país, do descobrimento até os dias atuais, a autora tece uma bela peça, resgatando o gosto pela leitura.

Páginas Abertas

Ano 42 – nº 71 – 2017
Julho - Agosto - Setembro
ISSN 1414-4638

Diretor editorial
Claudiano Avelino dos Santos

Diretor de Difusão
Mario Nahuelpán López

Jornalista responsável
José Dias Goulart MTB 20.698

Conselho editorial
Alexandre Carvalho, Antonio Iraildo Alves de Brito, Dílvia Ludvichak, Samuel Lima Gervásio, Cleane Santos e Roberta Molina

Direção de Arte
Samuel Lima

Diagramação
Rafael Luzio e Thais Ramone

Reportagem
Cleane Santos e Roberta Molina

Edição de Texto
Roberta Molina

Revisão
Isabela Talarico

Colaboradores
Alexandre Carvalho; Ana Carla de Oliveira; Antonio Iraildo; Augusto Cury; Dílvia Ludvichak; Douglas Tufano; Eliane Debus; Elismar Santander; Guida Weber; Marco Haurélio; Neide Coelho Boëchat; Rodrigo Cristalino Bezerra.

Redação
Rua Francisco Cruz, 229 – 04117-091
São Paulo – Tel.: 11 5087-3742
FAX: 11 5579-3627
paginasabertas@paulus.com.br

Atendimento ao Leitor
Tel.: (11) 3789-4000
assinaturas@paulus.com.br
A revista PÁGINAS ABERTAS é uma publicação da Pia Sociedade de São Paulo. Nenhum material dessa publicação pode ser reproduzido sem prévia autorização. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas desta obra e sua editoração.
Entre em contato conosco caso queira citar algum artigo.

A assinatura da revista PÁGINAS ABERTAS é gratuita. Para mais informações, ligue: (11) 3789-4000

Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade de seus autores, não representando necessariamente a posição da revista.

paulus.com.br

PAULUS

Editorial

Um novo tempo: a educação que amplia horizontes

Nesta edição, destacamos um dos eventos mais esperados pelo segmento educacional: o 12º Simpósio de Educação, realizado em maio e promovido pela PAULUS Editora em parceria com a FAPCOM – Faculdade PAULUS de Comunicação. O encontro tem por objetivo debater tendências e desafios vividos no núcleo escolar, além de proporcionar formação e troca de experiências entre profissionais da área.

Na matéria de capa, trouxemos os destaques do Simpósio: a palestra principal ficou por conta da autora Eliane Debus, que nos presenteou com um artigo sobre as tendências da literatura infantil contemporânea e sua repercussão na formação de leitores. Na mesa de debate, especialistas discutiram a literatura voltada para o público infantojuvenil, no que se refere à diversidade de gêneros, à leitura dentro e fora do ambiente escolar e à eficácia de práticas de leitura promovidas na escola. O leitor ainda poderá conferir um resumo sobre os workshops, que trataram de temas como sexualidade em sala de aula, neurociência, redação e provas do ENEM e ENADE, Filosofia para crianças, entre outros.

Este evento, bem como tantas edições anteriores da revista *Páginas Abertas*, serviu para colaborar com a educação e, assim, construir juntos um futuro melhor para o Brasil. Por anos a revista trouxe histórias, projetos, desafios, dicas de leitura e entrevistas que pudessem nortear o professor nesta árdua e tão desafiadora tarefa que é lecionar. Contribuir para a formação moral, ética, intelectual e religiosa do ser humano faz parte da missão da PAULUS Editora.

Na próxima edição, a revista ganha nova roupagem, voltando à sua origem. Nos primeiros números, a *Páginas Abertas* contemplava todo o catálogo da PAULUS Editora. A partir de 2018, o leitor poderá conferir as novidades em educação, comunicação, teologia, filosofia, saúde, literatura infantil e juvenil, espiritualidade, psicologia e muito mais.

Convidamos você, leitor, para caminhar conosco nesta nova etapa! Um agradecimento a todos os colaboradores desta edição. Para a próxima, muitas novidades em destaques e lançamentos. Boa leitura!

Equipe Páginas Abertas

Entrevista | Por Roberta Molina

BIBLIOTECA: um lugar para **ler**, **narrar** e se **reinventar**

É no grego que o termo "biblioteca" encontra sua origem. *Bibliothéke* é o resultado da junção de duas palavras: *biblion* e *théke*, que significam, respectivamente, livro e depósito. Assim, na Grécia Antiga, a *bibliothéke* era compreendida como um depósito responsável pela guarda de materiais escritos, papiros e pergaminhos. Ao longo da história, seu significado foi assumindo novas nuances.

Na Antiguidade, temos uma biblioteca marcada pela restrição, à qual poucos tinham acesso – até mesmo a arquitetura dos prédios era projetada para que os livros não circulassem. Desta época, destacam-se as bibliotecas de Alexandria e de Pérgamo. Foi somente no século XVII que surgiram as bibliotecas modernas; neste período, há o advento das bibliotecas públicas. A história nos contextualiza a respeito das diversas mudanças que acompanham cada momento que a sociedade vive.

Para compreender a atualidade, conversamos com a bibliotecária e especialista em literatura infantil e juvenil **Solange Oliveira**. Confira!

Divulgação

Qual sua formação e principais atividades?

Sou bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Pará, especialista em literatura infantil e juvenil pela PUC-MG. Tenho formação como contadora de histórias, além de desenvolver projetos e pesquisas sobre leitura e literatura na instituição onde trabalho.

A partir de que idade o aluno deve ter acesso à biblioteca?

A partir do nascimento. Os bebês podem ser iniciados na leitura como meros expectadores e acompanhantes de seus pais; ou, numa convivência mais íntima, quando lhes são oferecidos livros. Na Colômbia, há um espaço denominado "Bebeteca", que é uma biblioteca especializada em literatura para a primeira infância. Yolanda Reyes, a responsável pelo espaço, faz relatos inspiradores sobre a experiência.

Com a facilidade das pesquisas digitais, a biblioteca perdeu sua real importância?

Não, porque a principal missão da biblioteca é conservar e preservar valores culturais; ela é um espaço social, onde se produz cultura e se estabelece contato com a literatura e com diferentes leituras, o que proporciona o fortalecimento do ser cidadão e um maior entendimento da realidade que o cerca.

Em tempos de mídias digitais, como tornar a biblioteca atrativa na escola?

Hoje, é necessário que se promova a transição entre o formato impresso e o digital. São tempos de quebras de paradigmas, e não poderia ser diferente com as bibliotecas. Estudiosos da área defendem o conceito de biblioteca híbrida, em que são agregados valores positivos tanto para o acervo impresso como para o acervo digital. Acredito que, como atrativo, além dessa questão, a biblioteca deve apostar nas relações construídas com seus usuários e disseminar a ideia da leitura nas escolas.

Antes, a biblioteca era um lugar de concentração e silêncio, destinado à pesquisa e à leitura. É possível programar outros projetos dentro desse ambiente hoje?

Com certeza. Há tempos que o espaço físico e social da biblioteca vem sendo dessacralizado. Hoje, é um espaço que tem pulsação – além de ser um ambiente para ler, a biblioteca une pes-

soas e ideias, promove encontros com escritores, realiza exposições e saraus, entre outras ações de convivência.

Como a biblioteca pode contribuir na formação do leitor crítico?
Por meio de um acervo diversificado, de qualidade e contemporâneo, que, além de fornecer informação, proporcione aos seus usuários conhecimento e cultura – fatores fundamentais para o desenvolvimento da sociedade e do leitor. Um leitor crítico sabe a diferença entre pensar e reproduzir fatos e situações. Para contribuir com sua formação, a biblioteca também precisa ser um espaço de criação e reflexão.

O que diz a legislação brasileira sobre bibliotecas?
Como dispositivos legais, temos a Lei Federal nº 12.224, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas escolares, e o Projeto de Lei (PLS) 212/16, apresentado em abril deste ano pela senadora Fátima Bezerra, que institui a Política Nacional de Leitura e Escrita. O objetivo da política é ser uma estratégia permanente para a promoção do livro, da leitura, da escrita, da literatura e das bibliotecas de acesso público.

Como um bibliotecário pode colaborar no incentivo à leitura?
O bibliotecário traz organização e fluidez para o acesso à informação disponível, o que é imprescindível para que o usuário se familiarize com o acervo e se sinta confortável em suas buscas. Ao bibliotecário cabe também oferecer acolhimento e estímulos para que todos possam se identificar e se apropriar do espaço físico, social e cultural que a biblioteca representa.

O que seriam uma biblioteca ideal e uma biblioteca real?
A biblioteca real é aquela que faz parte de cada instituição, que busca ter seu acervo em constante atualização e transformação, em que o bibliotecário desenvolve ações técnicas, sociais e culturais para facilitar o acesso dos usuários e aproximá-los daquele espaço. A biblioteca ideal, além de ser real, projeta sonhos e propicia a aproximação da leitura por meio do acesso dinâmico a um acervo diversificado, seja ele impresso ou digital. Biblioteca ideal é aquela que se refaz, que se predispõe a desenvolver atividades que agreguem valores ao cidadão leitor. Mais do que um espaço de busca por informação, é um espaço de compartilhamento, de convivência e de ideias.

Como fazer a organização adequada?
Além de seguir as normas técnicas e padrões estabelecidos pelos órgãos oficiais, a organização da biblioteca deve também criar particularidades em seu espaço para atender às necessidades da comunidade que a frequenta.

Quais são as parcerias que podem ser feitas neste segmento?
São muitas! As parcerias são importantes caminhos para aprofundar as relações entre:

- **Biblioteca** *vs.* **usuários:** refletindo cumplicidades e necessidades diárias
- **Biblioteca** *vs.* **instituição:** disseminando a missão, a visão e os valores
- **Biblioteca** *vs.* **editoras:** divulgando as publicações e produções

A biblioteca aumenta seu campo de relacionamento e, consequentemente, de possibilidades de parcerias com o fortalecimento e desenvolvimento dessas relações.

Quais as perspectivas para o futuro?
Implementar uma política nacional de incentivo ao acesso à leitura e à literatura, com abrangência de todos os cidadãos brasileiros; ter um acervo de literatura infantil e juvenil na Biblioteca Nacional, tendo como inspiração o Japão e a Coreia do Sul; ocupar e aproveitar os vários espaços proporcionados pela literatura e pela leitura, além de descobrir novos espaços, em que haja mais compreensão e respeito pela profissão do bibliotecário e pelo papel que ela tem na sociedade. E continuar acreditando na educação!

PARA BRINCAR, PARA AJUDAR, PARA ESTUDAR...

O QUE MAIS VALE NA VIDA É TER

AMIGOS, MUITOS AMIGOS

32 páginas

Amigos, muitos amigos
Adalberto Cornavaca

Todo mundo tem aquele amigo especial que está sempre por perto, para brincar, para ajudar ou para estudar. *Amigos, muitos amigos* é uma homenagem aos irmãos que a gente escolhe: os amigos. Venha conhecer este grupo de animais superdivertidos que, como nós, sabem a importância da amizade. Afinal, nada na vida vale mais que ter amigos... muitos amigos!

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

editorapaulus

PAULUS

Palestra de abertura: *Tendências da literatura infantil contemporânea e sua repercussão na formação de leitores.*

EDUCAÇÃO, AMBIENTE ESCOLAR E LITERATURA INFANTOJUVENIL

Em mais uma edição, o Simpósio de Educação PAULUS convida especialistas e autores para discutir os temas da educação em sala de aula e a importância da literatura voltada para os públicos infantil e juvenil

O 12º Simpósio de Educação PAULUS, realizado em 25 de maio no auditório da Faculdade de PAULUS de Tecnologia e Comunicação – FAPCOM, na Vila Mariana, em São Paulo (SP), recebeu diversos docentes para atualização e formação dentro do segmento educacional. O evento foi dividido em dois momentos: pela manhã, palestra e mesa de debate; à tarde, os workshops.

Na abertura do evento, os participantes receberam as boas-vindas do diretor da FAPCOM, Pe. Antonio Iraildo de Brito, jornalista, bacharel em Filosofia e Teologia, mestre em Letras e Regionalidade, doutorando em Comunicação e Semiótica e autor do livro *Patativa do Assaré: porta-voz de um povo* pela PAULUS. Pe. Iraildo destacou a importância do evento para a reciclagem e atualização do professor, especialmente no momento que vive o Brasil, em meio a crises políticas e à desvalorização das relações humanas.

Em seguida, a doutora em Teoria da Literatura Eliane Debus deu início à programação do Simpósio com a palestra *Tendências da literatura infantil contemporânea e sua repercussão na formação de leitores*. Na sequência, ampliou a temática mediando a mesa de debate *Literatura infantil e juvenil: gêneros, leitura e ensino*, composta pela autora e doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada Gloria Kirinus, pelo ilustrador e designer Bill Borges, pelo escritor e folclorista Marco Haurélio e pela comunicóloga Shirley Souza.

Eliane Debus apresentou uma panorâmica sobre as tendências da literatura infantil contemporânea, marcando as temáticas mais presentes no mercado editorial brasileiro. Também forneceu um pequeno histórico de como o movimento educacional contribuiu em diversos momentos para acionar o mercado editorial para a publicação de títulos, temáticas e gêneros. Gloria Kirinus enriqueceu o debate ao falar de sua experiência de 32 anos com a literatura e despertou uma reflexão: "Como é triste o professor que não aprendeu a poesia".

O ilustrador Bill Borges falou sobre o processo de criação e enfatizou que considera o editor – de quem recebe os trabalhos – o maestro que conduz e direciona a obra. Neste sentido, na maioria das vezes, ele não mantém contato com o autor dos livros. Para Borges, quem ilustra prefere a surpresa de receber os textos e despertar a surpresa ao entregar a ilustração. Ele ressalta a importância do evento: "Como participante, autor e ilustrador do mundo literário, acho fundamental esse debate. Assim, novos conceitos e pensamentos surgem, e dúvidas que às vezes os educadores tinham sobre o trabalho literário se esclarecem. Acho fundamental todo tipo de debate, abrir mesmo a mesa, a roda para conversar, chamar mais gente. Divulgar a literatura é fundamental; o país precisa disso". O ilustrador finaliza com uma mensagem: "Incentivem as crianças (a desenhar); todo mundo tem seu traço".

O autor e folclorista Marco Haurélio contou como nasceu sua história com o cordel e com as cantigas. Declamou algumas poesias e trouxe alguns livros do acervo da avó Luzia, fonte de inspiração para seu trabalho. A comunicóloga Shirley Souza iniciou e concluiu sua fala citando o poeta Antonio Machado: "Caminhante, não há caminho... o caminho se faz ao caminhar". A autora destacou como algumas estratégias pedagógicas podem representar um ganho para a literatura. "No momento em que se faz uma roda e, por meio do livro, se abre uma conversa, o livro ganha vida."

Cleane Santos/Divulgação

Da esq. para a dir.: Shirley Souza, Marco Haurélio, Bill Borges, Eliane Debus, Anilda Antonialli, Dílvia Ludvichak e Gloria Kirinus.

WORKSHOPS

No período da tarde, os professores participaram das oficinas escolhidas no ato da inscrição, entre as oito opções disponíveis: *Lavra-Palavra: vitalidade poética na vida e na sala de aula; Neurociência na sala de aula: vamos fazer neurônios?; O eu, o outro, o grupo e a* media*; Contando, cantando e brincando; Biblioteca escolar: espaço em ocupação; Como abordar o tema sexualidade na sala de aula?; Educação para pensar: Filosofia com crianças* e *Estratégias para a construção de redação e provas do ENEM e ENADE.*

Lavra-Palavra: vitalidade poética na vida e na sala de aula

A doutora em Literária Brasileira Gloria Kirinus, além de toda a vivência em sala de aula como professora e autora de diversos títulos infantis e juvenis, trouxe aos participantes reflexões sobre a natureza mítico-poética do ser humano. Gloria falou da relação prazerosa com a palavra, aproveitando seu aspecto lúdico, ambíguo, renovador e infinito. Para ela, tais elementos redimensionam o aprendizado por meio do imaginário e do potencial criativo de cada participante.

Neurociência na sala de aula: vamos fazer neurônios?

A palestrante Adriessa Santos é bióloga, mestre em Ciências e especialista em Neuroeducação. Ela mostrou aos docentes como a Neurociência é capaz de colaborar com as práticas de ensino em sala de aula. De acordo com a especialista, a educação é uma das áreas mais favorecidas pelos avanços dos estudos sobre o sistema nervoso central. Segundo ela, cada vez mais os pesquisadores têm atrelado as descobertas deste campo científico à prática pedagógica, o que pode mudar a forma como os docentes entendem o processo de ensino-aprendizagem.

Adriessa Santos, que ministrou o workshop *Neurociência na sala de aula: vamos fazer neurônios?*

O eu, o outro, o grupo e a *media*

Patrícia Moran, doutora em Comunicação e Semiótica, propôs aos participantes pensar a criação audiovisual, o uso dos atuais aparelhos de produção de imagem e sons como um caminho para o sentimento de pertencimento a uma comunidade e reconhecimento do outro. Entre as reflexões, a docente também apresentou cenas de filmes aos presentes, com o intuito de gerar discussão e reflexão em sala.

Contando, cantando e brincando

De maneira descontraída e envolvente, o músico, escritor e contador de histórias Gesiel de Oliveira compartilhou suas experiências e proporcionou grandes aprendizados com o tema *Contando e cantando histórias*. Gesiel expôs um baú repleto de possibilidades na arte de contar histórias. Para ele, todos nós somos contadores de histórias, dentro do contexto geral de nossa existência. Assim, o oficineiro cultural fez um convite para ilustrar a existência verdadeira de cada conto por meio das identidades culturais presentes no Brasil e no mundo.

Gesiel de Oliveira no workshop *Contando, cantando e brincando*.

Biblioteca escolar: espaço em ocupação

Com a oficina *Biblioteca escolar: espaço em ocupação*, a especialista em Literatura Infantil e Juvenil Solange Oliveira abordou alguns subtemas dentro do tema geral da biblioteca escolar. Entre os destaques desse universo, Solange refletiu sobre biblioteca ideal *versus* biblioteca real; conceituação; legislação; parcerias; projetos e perspectivas para o futuro. A palestrante levou ao workshop grande parte de sua experiência como bibliotecária no Colégio Regina Mundi, em São Paulo.

Como abordar o tema sexualidade na sala de aula?

Este workshop, com a psicóloga Luciana Amadi, forneceu aos participantes uma metodologia leve e descontraída para abordar temas como sexualidade, prevenção de DSTs, Aids e gravidez não planejada na adolescência. No encontro, a palestrante expôs uma nova forma de falar sobre sexualidade.

Educação para pensar: Filosofia com crianças

Mestre em Filosofia, o facilitador Luiz de Camargo Pires apresentou uma possível metodologia de Filosofia para crianças. Como objetivo de pensar sobre a realidade em que vivemos e, na educação, sobre as práticas pedagógicas responsáveis pela formação de indivíduos autônomos, o professor discutiu os temas educação para o pensamento, formação de valores, reflexões na infância e a construção do diálogo.

Estratégias para a construção de redação e provas do ENEM e ENADE

Marcia Furtado Avanza, especialista em Divulgação Científica e mestra e doutora em Ciências da Comunicação, abordou a estrutura e os modelos de redação utilizados no ENEM e no ENADE, conforme os requisitos oficiais. Marcia também explanou sobre as características e estruturas das questões elaboradas para esses exames. Ela apresentou um panorama de provas e orientou os docentes na organização e preparação dos alunos para o ENEM e ENADE.

O ENCONTRO

Este encontro ficou marcado pela troca de experiências e novos conhecimentos adquiridos. A professora da região de Santo André Rafaela Quesada relata a importância do momento e das reflexões que foram despertadas: "Achei interessante a visão dos autores, aberta e contemporânea, de saber que os nossos alunos devem ler o que eles gostam. Assim, abrimos caminhos para a leitura, sem dizer o que é bom ou ruim. A prática pedagógica é isto, é saber o que está acontecendo na vida dos alunos, estar presente para eles, ser parte da vida deles. O evento é essencial para a formação dos professores, para a construção do saber e para reencontrarmos amigos", finaliza.

A professora Adriana Rieger também manifestou a importância do Simpósio. "Acredito que, se tivéssemos mais oportunidades, seria possível desmistificar algumas coisas que estão enraizadas na cultura dentro da escola – como, por exemplo, que só certos autores são indicados para leitura. Aprendemos que é preciso organizar, de forma encadeada, os gêneros para apresentar aos alunos, despertar o prazer pela leitura, povoar o imaginário com o repertório que outros nos trazem. Oportunidades assim contribuem bastante, tanto para o desenvolvimento do trabalho pedagógico do professor como para a aprendizagem dos alunos e o despertar para o prazer da leitura", conclui.

Cleane Santos/Divulgação

Luiz de Camargo Pires comanda o workshop *Educação para pensar: Filosofia com crianças*.

Divulgação

TENDÊNCIAS DA literatura infantil contemporânea E SUA REPERCUSSÃO NA FORMAÇÃO DE leitores

Este texto apresenta as tendências da literatura infantil contemporânea, marcando as temáticas e gêneros mais presentes no mercado editorial brasileiro. Pela circunscrição de brevidade desta escrita, sabemos de antemão que algumas fissuras se instalaram. As tendências dialogam, por certo, com tendências do mercado editorial internacional, abrigando algumas especificidades vinculadas ao campo educacional e editorial que procuraremos aqui demarcar. Usamos como marco a década de 1970 e os livros produzidos a partir deste período pela inovação nos aspectos textual, imagético e gráfico. As mudanças ocorrem paulatinamente, tanto no campo da produção como da promoção e divulgação da literatura infantil brasileira.

A Lei n. 5.692/71, que fixa as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus e amplia o nível de escolaridade, acelera o processo de fomento dessa produção ao recomendar a leitura de autores nacionais no ensino de primeiro grau. Segundo Aguiar (2001), com a reforma do ensino em que a escola foi aberta para todas as camadas da população, criaram-se dois grupos de obras: o primeiro, rico em pluralidade de significados para o leitor, preocupado com a qualidade gráfica e estética; já o segundo destaca-se pela produção de títulos descompromissados com o leitor. As exigências da Lei acendem no mercado editorial o interesse das editoras pelo filão, período em que a modernização do maquinário gráfico também está em ascensão.

As universidades brasileiras começam a discutir e inserir em sua grade curricular a literatura infantil a partir de uma disciplina específica em 1969, com a experiência da professora Maria Antonieta Cunha, na Universidade Federal de Minas Gerais. Também em 1969 é criada, pelo grupo Abril, a *Revista Recreio*, que vai fomentar a produção literária para a infância a partir de suas páginas, quando convida as professoras Ruth Rocha e Ana Maria Machado para nela publicarem.

Data de 1968 a criação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), que exerceria papel preponderante no fomento à produção literária para a infância e a juventude, selecionando acervos, formando mediadores de leitura, organizando programas de promoção de leitura, instituindo prêmios que ressaltam a produção editorial nessa área e participando de projetos de divulgação do livro, que se estendem por todo o país a partir da década de 1980. Em São Paulo é fundada a Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil.

Paradoxalmente, a efervescência do gênero se dá no período de maior repressão do país: a ditadura militar, marcada por censura em cima de censura. Já é sabido que muitos escritores de literatura infantil e juvenil – entre eles Ruth Rocha e Ana Maria Machado – tematizaram as próprias relações de opressão e silenciamento, num período em que tudo era proibido e calado. Tais obras foram publicadas e chegaram até nós como um registro metafórico da época, observando-se, por exemplo, o que afirma Ana Maria Machado: "Hoje, quando eu olho em conjunto essa parte de minha produção nesse período, vejo que esses contos falam de exílio, de reafirmação de rebeldia frente ao poder, de confiança na capacidade de autoconstrução da personagem, de solidariedade, de esperança, de respeito ao indivíduo e de valorização do que é brasileiro" (MACHADO, 1980, p. 31).

Devemos lembrar que o grande avanço do gênero se dá pela diversidade temática e formal. Já não se coloca a criança

num "cercado", como ser ingênuo que deve ser resguardado das agruras do dia a dia. No aspecto formal, a preocupação com a linguagem e o fazer artístico se acentuam. Assim, esse período traz um conjunto de narrativas com temáticas que retratam a realidade social, em especial por meio da "Coleção do Pinto", da editora Comunicação. Como destacam Lajolo e Zilberman (1987, p. 126), "[...] parece ter cabido a ela a consolidação (mesmo que ao preço de certo escândalo) de uma literatura infantil comprometida com a representação realista e às vezes violenta da vida social brasileira".

DESTAQUES TEMÁTICOS E FORMAIS DA LITERATURA INFANTIL CONTEMPORÂNEA

1. Temas polêmicos

No decorrer da década de 1970, constata-se uma profusão de publicações que introduzem temas até então intratáveis nas publicações para infância e que persistem no fluxo de publicações atuais: a) a representação realista da infância que vive nas ruas; b) a separação dos pais; c) as mudanças sexuais na adolescência; d) a preocupação ecológica; e) a questão indígena: extermínio e aculturamento; f) a morte – que, como temática, tem se anunciado timidamente e, muitas vezes, é tratada de forma amenizada, romantizada.

2. Temática africana e afro-brasileira – Lei 10.639/2003

No que diz respeito à produção literária para infância e para juventude, essa discussão ainda é novidadeira, mas podemos dizer que os títulos que circulam atualmente no mercado editorial brasileiro estão divididos em três grandes categorias: 1) literatura que tematiza a cultura africana e afro-brasileira; 2) literatura afro-brasileira; 3) literatura africana.

3. A temática indígena – Lei 11.645/2008

a) Tratamento da temática como denúncia do extermínio e aculturamento dos povos indígenas; b) a temática escrita pelos escritores de origem indígena e c) a temática indígena, a partir da Lei 11.645/2008, que torna obrigatório o estudo da história e das culturas afro-brasileira e indígena.

4. Contos tradicionais às avessas

A intertextualidade é uma marca constante na produção, em particular com as narrativas feéricas, que alguns estudiosos denominam "contos de fadas modernos" (VALE, 2001).

5. Livro de imagem

Em 1976 temos a publicação do primeiro livro de imagem brasileiro, *Ida e Volta*, do artista plástico catarinense Juarez Machado. A partir dessa publicação, o livro de imagens ganha credibilidade; hoje, temos um grande número de títulos nessa categoria.

6. Narrativas curtas contemporâneas

a) Palavra e ilustração em diálogo – a ilustração deixa de ser mera decoração do texto numa relação de diálogo entre a linguagem verbal e não verbal; b) humor e ironia como elementos da narrativa.

7. A palavra poética

A atmosfera rítmica e sonora do poético, apresentada de forma brincante, sem o objetivo moralizante, didático e até mesmo de ensino das primeiras letras. Acentua-se a publicação de títulos que viabilizam práticas pedagógicas e oportunizam aos leitores o contato com o poema de origem oral, origem escrita e o diálogo entre eles.

8. Livro-brinquedo

O livro-brinquedo se destaca por sua construção (suporte) e as estratégias de feitura, isso em razão dos desdobramentos da arquitetura do papel: dobras que se desdobram em outras dobras, recortes, figuras que saltam da página, entre outros que "se esforçam para ajudar a construir habilidades e competências no manuseio, e tentam motivar anseios que fluem na hora da brincadeira, ou seja, na espontaneidade, na disponibilidade e até no improviso daquele que aprende a ler, a manusear, a se aventurar na descoberta do suporte livro" (PAIVA, 2012, p. 78).

Referências

AGUIAR, Vera T. de (coord.). *Era uma vez... na escola:* formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato editorial, 2001.

BARROS, Manoel. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

MACHADO, Ana Maria. "A Literatura Infantil nos anos 70". In: *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro: (63): 26-33, out-dez, 1980.

_____. *Um livro pode ser tudo e nada*: especificidades da linguagem do livro-brinquedo. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

VALE, Luiza Vilma P. "Narrativas infantis". In: SARAIVA, Juracy Assmann (org.). *Literatura e alfabetização*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

POLÍTICA DE PREVENÇÃO ÀS DROGAS E À VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Sabemos que a escola desempenha um forte e valioso papel social, exercendo grande influência na vida das crianças, adolescentes e jovens – afinal, é o lugar onde eles vivem grande parte de suas vidas. Podemos considerar que esse mesmo espaço socializador pode propiciar a implementação de programas preventivos ao uso de drogas e violência de forma sistemática, abrangendo todo o público-alvo desde a infância.

Uma criança prevenida tem destaque em todos os seus projetos futuros. Assim, podemos afirmar que a escola é um ambiente privilegiado, uma vez que todos nós passamos por ela e que é ali que têm início os processos reflexivos e de autodesenvolvimento, onde se transmitem informações básicas para os futuros profissionais. Entretanto, não podemos desconsiderar o importantíssimo

papel educador da família – na qual são introduzidos os primeiros fatores de proteção, que são tão importantes na prevenção do sujeito, já que o filho é permanente, enquanto o aluno é temporário na escola.

Pesquisas têm mostrado que é no começo da adolescência que se iniciam as primeiras experiências com álcool e outras drogas, pois é nessa fase que a curiosidade e a necessidade de aceitação levam o adolescente a procurar novas formas de comportamento para se identificar e se adequar aos mais variados grupos.

A construção de grupos e as relações entre os pares vão mudando conforme as fases da adolescência. No início, os vínculos são formados pelas identificações entre eles, de acordo com suas preferências, critérios e valores, e, ao longo da vida, podem redirecionar para outros grupos pela necessidade de exercer novos papéis, incorrendo em constantes fatores de risco ao uso.

Compreendo que educar envolve uma prática para além da aprendizagem formal e da realização de atividades curriculares, mas também uma formação, com foco em valores humanos mais abrangentes, em que possam ser desenvolvidas as habilidades sociais da pessoa, tais como comportamento assertivo, relacionamento interpessoal, resolução de conflitos, autoestima, educação emocional, construção de agenda positiva, crenças funcionais, religiosidade etc. Assim, além do aprimoramento das capacidades físicas e intelectuais, o ambiente escolar pode contribuir significativamente para a garantia de deveres e direitos da pessoa, para a potencialização da resiliência e para uma política de paz social.

Sabemos que as drogas estão presentes em todos os espaços sociais, incluindo o ambiente escolar. Pesquisas recentes com alunos, pais e integrantes do corpo técnico-pedagógico em diversas capitais brasileiras indicam forte presença dessas substâncias nas imediações do espaço físico da escola, em que os alunos aparecem como alvo potencial do tráfico e das organizações criminosas. Porém, esse contexto de dificuldades é passível de mudanças por meio de ações preventivas sistemáticas concretas e do diálogo, de modo que a eficácia dilua o medo, mostrando que a escola pode contribuir para minimizar o uso e a violência associada às questões que envolvem as drogas.

As iniciativas preventivas na escola devem ser uma ação conjunta que viabilize a participação das famílias e da comunidade em que a escola está inserida.

É importante considerar as dicas básicas para desenvolver uma política preventiva na escola:

1. Prestar informações claras e eficazes sobre os malefícios das drogas aos alunos e explanar sobre a violência estimulada pelo tráfico.

2. Minimizar os comportamentos disfuncionais dos alunos.

3. Saber lidar com as questões emocionais dos alunos e ter capacidade de acolher e redirecioná-los ao profissional adequado.

4. Refletir sobre a realidade e suas contradições, sobre as situações do cotidiano, tanto individuais como coletivas.

5. Estimular comportamentos e hábitos saudáveis, como a prática de esportes, a familiaridade com a arte e a cultura etc.

6. Estimular o senso crítico e cultivar valores humanos.

7. Estimular a solidariedade, a cooperação, o companheirismo e o respeito às diferenças.

8. Estimular as boas relações familiares, com foco na resolução de conflitos.

9. Respeitar os bens e valores culturais e patrimoniais.

10. Incentivar os alunos a serem responsáveis pelo que fazem, por seus desejos e escolhas.

11. Refletir sobre as formas de relacionamento interpessoal.

12. Focar no presente, sem deixar de planejar o futuro.

13. Intervir nas situações de risco para o uso de substâncias psicoativas.

14. Caso se encontrem drogas em posse do aluno, aplicar as condutas legais existentes na escola. Comunicar aos familiares para que sejam tomadas as providências necessárias, sem expor o aluno, e comunicar às autoridades institucionais.

Se não considerar e priorizar uma política educacional de prevenção aliada aos fatores protetivos, a escola vai deixar de exercer uma importante função social. É fundamental compreender que a instituição educacional é responsável pela formação de papéis sociopolítico-culturais de seus alunos e que tem relevante influência no comportamento ético do ser humano, além de ser indispensável nos processos de construção e desenvolvimento do sujeito biopsicossocial em constante transformação ao longo da vida.

* Elismar Santander é psicóloga, especialista em dependência química e família, terapeuta comunitária sistêmica integrativa e terapeuta cognitiva comportamental.

O JOGO BALEIA AZUL, O SUICÍDIO E A AUTOESTIMA:

o que morre antes de um jovem pensar em suicídio?

Todos os pais e educadores estão em alerta e angustiados com o que tem acontecido hoje nas mídias sociais e colocado em risco a vida de seus filhos e alunos. Certamente você já ouviu falar em um jogo chamado Baleia Azul, que fez com que centenas de jovens cometessem suicídio, no Brasil e no mundo.

O jogo Baleia Azul é invasivo e perigoso, pois, além de os idealizadores e mediadores ameaçarem tanto os jovens envolvidos como suas famílias, eles delegam 50 desafios que precisam ser cumpridos à risca, até chegar ao último desafio: conduzir o jovem a tirar a própria vida.

Estamos na era da inteligência artificial, na era do estresse, em que precisamos mais do que nunca conhecer a mente humana. Os pais estão desesperados. Antes, eles apresentavam dificuldade em admitir que tinham perdido o controle dos filhos; hoje, já sabem que não têm esse controle. Estamos diante de uma geração que se vê presa e vítima das armadilhas da mente: do coitadismo, do conformismo, do imediatismo, da superficialidade, da necessidade neurótica de estar sempre certo, da dificuldade de reconhecer erros, da baixa resiliência, da insegurança, da baixa autoestima etc. É uma geração que não sabe proteger a emoção. Os adultos fazem seguros de todos os seus bens, mas lhes falta a consciência da necessidade de fazer um seguro emocional. As crianças e jovens, por conseguinte, também não aprendem sobre proteção emocional com seus pais.

Pesquisas têm apontado que crianças expostas por longos períodos às telas digitais tornam-se mais calmas. Mas, muito ao contrário, essa exposição constante tem intoxicado mentalmente nossas crianças, tornando-as cada vez mais ansiosas e agitadas. O excesso de informações, por si só, acarreta diversas doenças psicossomáticas.

Quem está assumindo o controle da mente de nossos jovens? Podemos afirmar que no âmago do cérebro há um biógrafo não autorizado se infiltrando o tempo todo para tentar escrever todos os capítulos da vida deles. A cada pensamento negativo, perturbador, a cada ideia que os aprisiona, a cada momento, esse biógrafo assume um posto de comando e dita as diretrizes que vão constituir os textos vividos de nossos jovens. Cabe a nós a responsabilidade e a importância de ensiná-los a combater esses pensamentos, assumindo as rédeas de seus pensamentos e aprendendo a gerenciar, também, suas emoções.

Devemos nos questionar: o que morre dentro de um jovem antes que venha a pensar em suicídio? Por que um jovem mergulha em um desafio como esse jogo da Baleia Azul e em tantos outros jogos autodestrutivos que existem hoje na sociedade? Quando pensamos em jovens bem resolvidos, felizes, que têm uma relação aberta, afetiva com seus pais e educadores, que se sentem amados e acolhidos, mesmo diante de suas limitações e dificuldades, certamente pensamos em jovens que não se dobrariam ao desejo de tirar a própria vida. O desejo de suicídio surge quando o jovem pondera que não terá grandes perdas ao deixar a vida que leva.

A cada ano, no Brasil e no mundo, temos presenciado um aumento angustiante na taxa de suicídio, em especial entre os jovens. Segundo dados divulgados pela OMS (Organização Mundial da Saúde), o suicídio já é a segunda maior causa de morte entre pessoas na faixa etária de 15 a 29 anos. Você, pai, responsável, precisa não somente vigiar as redes sociais e o que seu filho acessa na internet, mas, sobretudo, precisa criar víncu-

los afetivos seguros, fazê-lo se sentir amado, desejado, pertencente à sua vida, à sua história, à sua família. Você deve estar presente e pronto para auxiliá-lo, sem invadir o espaço dele, por meio do diálogo, checando quais os "monstros" que se encontram na psique do seu filho. Quais são os pensamentos negativos, quais são os medos, quais são as angústias, o que está no controle dos pensamentos dele?

Os jovens mergulham nesses jogos pois lhes falta boa autoestima e autocontrole, além de outras habilidades socioemocionais. É necessário que os pais criem pontes com os filhos, sem jamais permitir que se isolem em suas ilhas emocionais. Nós precisamos ensinar nossas crianças a desenvolver uma autoimagem saudável, a se amar e se valorizar.

Segundo pesquisas, hoje no Brasil 2 milhões de meninas sofrem de anorexia nervosa e 80% dos jovens já sofreram com *bullying* em algum momento. É preciso, com urgência, ensinar nossos filhos e alunos a se defender do sistema que impõe padrões altíssimos de beleza, de sucesso, de capacidade intelectual etc. Precisamos ensiná-los a ser autores da própria história, não vítimas deste sistema, e a trabalhar suas perdas e frustrações; precisamos ensiná-los que seu valor está naquilo que são, não naquilo que os outros dizem que são. Ao fazer com que se sintam únicos e insubstituíveis, nós estamos prevenindo o suicídio!

É necessário e imprescindível prevenir. Não basta remediarmos. Nós chegamos a mais de 7 bilhões de habitantes porque a medicina preventiva foi a menina dos olhos de ouro das gerações anteriores e, hoje, nós precisamos usar a psicologia, a pedagogia e a filosofia como a menina dos olhos de ouro na prevenção. Nós precisamos promover a saúde, não só olhar para a doença.

Ao trabalharmos as habilidades socioemocionais e darmos ferramentas psicológicas para o enfrentamento das dificuldades da sociedade atual, estamos juntos no combate desses jogos tão negativos que têm assombrado a vida de nossas crianças e jovens. Só assim teremos uma geração de jovens que não se dobrarão ao peso de qualquer jogo, qualquer que seja o nome ou a intenção, pois saberão que seu valor está no que eles próprios pensam e investem em si, como autores de suas histórias.

---

* Dr. Augusto Cury é médico psiquiatra, psicoterapeuta, pesquisador e escritor. Tem livros publicados em mais de 70 países e já vendeu mais de 28 milhões de livros somente no Brasil. Recebeu o prêmio de melhor ficção do ano de 2009 da Academia Chinesa de Literatura, pelo livro *O vendedor de sonhos*.

Divulgação

Intuição

— Mãe, posso te fazer uma pergunta?

— Claro, filha. O que é?

— Por que a senhora resolveu me adotar? Quero dizer… no meio de tantas crianças, por que a senhora e o papai me escolheram?

— Na verdade, não sei se fomos nós que escolhemos você! Eu sinto que Deus já tinha preparado você para nós. Mas por que essa pergunta agora? Algum problema?

— Sabe o que é? É que hoje, na escola, surgiu um debate sobre adoção e foram faladas muitas coisas, mas o que um colega disse me marcou muito. Ele disse que a ligação entre os pais adotivos e uma criança adotada nunca será verdadeira.

— Ora! Ora! Filha... que loucura é essa? Antes que você chegasse a minha vida, eu sabia, sim, o que era o amor. Eu estava casada com seu pai havia cinco anos e queríamos muito ter um bebê. Eu queria uma menina; já seu pai, um menino. Apesar do nosso desejo e do amor que tínhamos, eu não engravidava. No começo, achamos que era algo que se resolveria com o tempo, mas o tempo ficou longo demais e resolvemos buscar ajuda. Sabe, filha, fui aos médicos que pude, fiz os exames indicados e nada foi detectado. Como eu estava bem, foi a vez do seu pai de procurar o médico. Ele ficou receoso e com medo, mas foi. Com os resultados na mão, pudemos ver que ele estava bem e que não tínhamos nenhum problema. Era esperar e tentar.

— E, pelo que sei, a gravidez que a senhora tanto queria não aconteceu.

— Não! Não da forma que eu imaginei e esperava. Aconteceu de outra maneira.

— Como assim?

— De alguma forma, o que vou te contar não é novidade, mas...

— Por favor...

— Depois de tantas tentativas, eu já não sabia se o que mais me fazia mal era o desespero ou a sensação de fracasso. O amor que eu e seu pai guardávamos para o nosso filho estava desaparecendo e o nosso casamento se tornava um peso. Um dia, eu estava assistindo à TV e vi uma reportagem que falava sobre o drama das crianças que sofrem em diversas instituições à espera de adoção. Em geral, os menores, os bebês são os preferidos, enquanto os maiores quase não têm chance de ser adotados. Falei com o seu pai a respeito de adoção e ele não se animou muito com a ideia. Confesso que o meu coração se sentiu atraído por aquela possibilidade e passei a me informar sobre o assunto e deixar seu pai também informado. Lembro bem: era março... Em dezembro eu já sabia muita coisa sobre adoção, mas, até então, nada de concreto. As chuvas de verão foram terríveis naquele ano e muitas famílias sofreram perdas irreparáveis. De repente, eu vi você na TV: chorando, toda molhada e suja de lama, agarrada a uma boneca. Infelizmente, sua mãe e irmãos não se salvaram do deslizamento de terra que levou parte da casa onde vocês moravam. Seu pai biológico nunca foi localizado e nenhum parente se manifestou. Seus olhos na TV se encontraram com os meus e eu soube que você era minha. Chamei seu pai, desesperada, e ele, meio sem entender, me levou aonde você estava. A partir daquele encontro você nunca mais saiu das nossas vidas.

— Você não se arrepende de ter feito o que fez?

— Não, querida! Foi por amor e eu sempre agradeço a Deus a sua presença na minha vida. Mesmo que você não tenha saído das minhas entranhas, tenho certeza de que você entrou definitivamente no meu coração. Com você, eu descobri que ser mãe não depende exclusivamente da geração biológica, mas do amor que compromete a vida de quem assumimos como filho. Vem, filha! Vem para o colo da mãe!

* Alexandre Carvalho é coordenador do editorial infantojuvenil da PAULUS.
E-mail: infantojuvenil@paulus.com.br

Nezite Alencar

Brasil

Um mosaico de culturas

Cordel

Ilustrações:
Elinaldo Meira

Especial Formação de Professor

PAULUS

Brasil: um mosaico de culturas - Cordel

Autor: Nezite Alencar
Ilustrações: Elinaldo Meira
Formato: 13,5 cm x 21 cm
Número de páginas: 104
Elaboração do Projeto: Beatriz Tavares de Souza

*Beatriz Tavares de Souza é mestre em Linguística Aplicada e pós-graduada em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Tem licenciatura plena em Língua Portuguesa e é bacharel em Língua Espanhola, também pela PUC-SP.

Apresentação

A obra apresenta a história do Brasil e suas adversidades. Com versos que narram fatos históricos, a autora explica o descobrimento, a colonização e o país de hoje. Mostra, sobretudo, o confronto entre povos e civilizações: a relação entre diferentes culturas e sua gente.

Justificativa

O livro permite que professor e alunos desenvolvam atividades atreladas à história, contando a trajetória que brasileiros percorreram, desde o descobrimento até os dias atuais. Além disso, a obra mostra como foi construído o texto, os versos em cordel, a linguagem, entre outros, cujo material é de relevância para ser explorado em sala de aula.

Projeto pedagógico

Explorar a história do Brasil e sua cultura por meio da literatura e do cordel.

Temas transversais

Ética, Pluralidade Cultural, Saúde, Trabalho, Meio Ambiente.

Indicação

Indicado para alunos a partir do 6º ano do Ensino Fundamental.

Áreas de Conhecimento

Artes, Literatura, Língua Portuguesa, História, Geografia, Ciência Social, Religião, Filosofia.

Objetivos

Tornar o aluno leitor ativo e produtor de seus próprios textos. Compartilhar, contextualizar a obra, o autor e o tema. Relacionar o assunto aos seus conhecimentos de mundo. Propiciar ambiente para que eles vivenciem a história do Brasil e conheçam todas as suas formas de manifestação cultural.

Antes de leitura

Sugerimos que o professor converse com os alunos sobre o Brasil, seus aspectos geográficos, povoamento e cultura. Explore também a literatura popular e o cordel, em particular seu formato, suas características, seus elementos e o modo de se apresentar.

Iniciando a leitura

Oral

Aponte o nome da editora, do autor e do ilustrador e a data da publicação. Antecipe o interesse dos alunos em ler e compreender o livro. Pergunte: o que o título do livro sugere? Você sabe o que significa a palavra cordel? Relacione o livro com assuntos do cotidiano que possam se interligar com o tema. O professor pode fazer a primeira leitura de algum tópico em voz alta para captar no poema o ritmo dos versos. Convide um ou mais alunos para compartilhar a leitura, aplicando a dinâmica do professor mediador, a fim de monitorar e aprofundar a musicalidade, por meio do ritmo e do posicionamento sonoro das palavras (rimas, aliterações).

Atividades

(As atividades podem ser divididas em 2 partes)

1ª Parte

1) Em grupo, faça uma pesquisa abordando os seguintes tópicos:

a. Como é construído o texto de cordel?

b. Como o cordel era editado? E hoje, ainda utilizam os mesmos recursos?

c. Quais as duas formas principais da poesia cantada?

d. Qual a forma do desafio? E qual a do romance? Explique.

e. Encontre na pesquisa afirmações relevantes de estudiosos quanto à linguagem do cordel e discuta com seus colegas.

f. Quais desses estados eram, até então, considerados os centros da produção do cordel no Nordeste?

- ☐ Pernambuco e Paraíba
- ☐ Paraíba e Bahia
- ☐ Bahia e Pernambuco

g. Explique como a literatura do cordel se difundiu para outros estados brasileiros.

Para escrever e apresentar:
Tente resumir o que aprendeu e foi discutido em grupos sobre a história da literatura de cordel.

2) Faça uma pesquisa sobre as reservas indígenas e sua importância.

a. Você conhece alguma aldeia indígena?

b. O que você conhece sobre a vida indígena?

c. Alguém sabe alguma coisa sobre o povo tapuia, tupi? Como eram e viviam antigamente? Como eram os utensílios, armas, roupa, alimentação? Como são e vivem hoje? O que aprenderam com os brancos?

2ª Parte
Ainda em grupo (cada grupo pode ficar responsável por um ou mais subtítulo).

Analisando os poemas

1) Observe o poema "Começo de conversa".
a. Qual é o assunto principal do poema?
b. Quantas estrofes o poema apresenta?
c. Em cada estrofe, quantos versos há?

2) Tente reconhecer e explorar o texto poético, observando as palavras que rimam na primeira estrofe.

3) Releia as outras estrofes, escolha e escreva um par de rimas de cada uma delas.
4) Em quais versos é citada a mistura de raças brasileiras?
5) De que modo foram compostas as três matrizes do "mulato"?
6) A que cores o último verso da estrofe abaixo se refere?

No Brasil se misturam,
Com espantosa harmonia,
Como em bela alegoria,
As nossas cores mesclaram!

7) Analise o poema "Os donos da Terra", respondendo às seguintes questões:
a. Em sua opinião, por que a escolha desse título?
b. Que assunto é abordado nele?
c. Observe que existem semelhanças entre esse assunto e a realidade dos dias de hoje. Quais seriam elas?
d. Pode-se observar que em alguns versos são apontados comportamento e ritual. Que versos são esses?

8) Faça um comentário sobre o confronto de civilizações, mencionando o aspecto físico e as vestimentas com que os europeus chegaram ao Brasil. Perguntas:
a. O que sentiu o índio ao ver os europeus, fétidos e esfarrapados?
b. O que o índio enxergou nos europeus?
c. O que os europeus enxergaram naqueles índios?

9) Como era a rotina do índio? Como faziam para se alimentar? Além da caça e da pesca, o que mais faziam?

10) Quais eram os utensílios domésticos que os índios fabricavam?

Pensando bem nas questões anteriores, o que você diria que o índio ensinou ao homem branco?

E ao ser interrogado
Pra dizer se ouro havia,
Viu a ambição do branco,
Coisa que não conhecia;
Depois, mercantilizado,
Em escravo transformado,
Na desdita cairia.
Mas nem sempre resistia
Àquela atração fatal:
Cada nova geração
Queria ver, afinal,
O branco com seus navios,
Utensílios e atavios
Trazidos de Portugal.
Assim a vida tribal
Perdera o encanto e brilho
E atrás das bugigangas
Vieram o pai e o filho;
(...) Perdeu o índio seu trilho.
O seu rumo e direção,
A prática do cunhadismo
Fez a transfiguração;
A união com estranhos
Trouxe mais perdas que ganhos,
Difícil incorporação.
(...) O mestiço então nasceu
No mais duro estranhamento
Porque em nenhum dos povos
Achou reconhecimento:
Não era índio nem branco
E só a tranco e barranco
Encontrou pertencimento.

Sobre esses versos, responda: em sua opinião, além das doenças e do extermínio, o que de mais grave o homem europeu causou ao índio?

Um assunto leva a outro

Você já ouviu falar no povo pataxó?
Que tal pesquisar para saber mais sobre a violência que esse povo tem sofrido?
Durante a pesquisa, observe que a luta do índio pela preservação de suas terras tem uma longa história.

"E trouxeram africano"

Perguntas:

1) Qual a ideia principal do capítulo "E trouxeram africano"?

_____

2) De onde vieram os negros?

_____

3) Quem eram Patrocínio, Henrique Dias e Zumbi dos Palmares?

_____

4) Nos versos que se seguem, o que o autor quer dizer?

Negro não teve na História
O lugar que mereceu,
Através do seu trabalho
Foi que o País cresceu;
Sua contribuição
Para o fim da escravidão
Com competência ele deu.

5) Coloque Verdadeiro (V) ou Falso (F).

Com relação à contribuição cultural, podemos reconhecer que os povos africanos trazidos ao Brasil nos ofereceram:

a. Língua, religião e trabalho (_____)

b. Dança, música e leite materno farto (_____)

c. Comida, dança, luta armada (_____)

d. Comida, arte, música e dança (_____)

e. Lealdade, alegria, afetividade (_____)

Para refletir

Com relação à formação de caráter, ética e valores morais, quais foram as marcas que os povos africanos deixaram durante a construção da nação Brasil?

6) Com relação aos imigrantes:

a. Quais foram suas contribuições para a agricultura, a indústria e o comércio?

b. Em que região do Brasil mais predominou a presença de alemães?

c. Quando chegaram os japoneses, quais as dificuldades que mais encontraram para se adaptar?

d. Onde se concentraram os imigrantes italianos e espanhóis?

e. Leia os versos e, depois, comente-os:

Muita colônia isolada
Aqui teve formação,
Por conta do preconceito
De língua e religião (...)

Assunto para questionar

De acordo com alguns autores, uma das características da literatura de cordel é a manifestação de ideias do autor sobre algo que está acontecendo dentro da sociedade. Qual seria o ponto de manifestação crítica ou de opinião da autora Nezite Alencar?

Agora, escreva uma dissertação que responda à seguinte questão:

De acordo com o poema "Vieram novos imigrantes", os imigrantes espanhóis, italianos, alemães e japoneses sofreram muita repressão. Por quê?

7) Faça um apanhado geral sobre o mosaico de culturas construído no capítulo 6 e preencha o quadro abaixo:

Cultura	Índios	Europeus	Africanos	Imigrantes
Língua				
Religião				
Arte				
Trabalho				
Comida				
Comportamento				
Vestimenta				
Móveis/utensílios				

Em sua opinião, por que o autor utiliza a metáfora do mosaico?

Atividades finais

1) Destaque os aspectos importantes criados pelo mosaico de culturas.
2) Apresente-os em forma de cartaz, dramatização, dança, música ou comida.
3) Planeje sua apresentação em grupo à classe.

Sugestões para avaliação

Participação nas atividades; atendimento às propostas de trabalho; desempenho nos trabalhos em grupo e nos debates; criatividade.

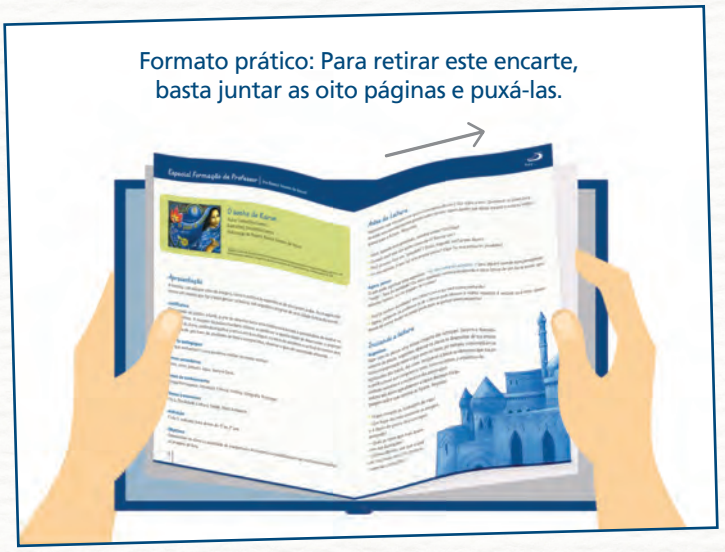
Ressaltamos que as atividades aqui propostas têm por objetivo oferecer subsídios para a mediação do trabalho pedagógico com a obra *Brasil: um mosaico de culturas – Cordel*, da PAULUS Editora, e que não pretendem ser determinantes do trabalho desenvolvido em sala de aula, tendo em vista que somente o professor conhece as necessidades específicas de sua turma.

Projeto Pedagógico

encartado junto com a revista | Edição 71

Páginas Abertas

Formato prático: Para retirar este encarte, basta juntar as oito páginas e puxá-las.



PAULUS

Conheça outros projetos pedagógicos no site: paulus.com.br

A arara *Lara*

Divulgação

O primeiro olhar de Lara foi como uma chuva no sertão depois de muitos dias de estiagem, quando as pessoas ficam nas portas e janelas assistindo ao espetáculo do céu se derramando sobre a terra. Crianças, jovens e adultos correm para se banhar nas águas divinas e dançam ao som da música mais linda vinda do alto. Todos os poros exalam o sentimento puro da vida. A alegria é tamanha que os olhares se espalham no horizonte, já visualizando a nova paisagem que virá.

Lara abriu os olhinhos da cor do Brasil e sentiu aquele espanto diante do novo. Tantas cores! A luz intensa lhe aquecia as penugens. No alto as nuvens desenhavam anjos e gente e outras figuras que ninguém jamais havia visto. Tudo era belo. A natureza toda estava em festa, celebrando a chegada de Lara. Até as formiguinhas, aquelas mais ínfimas, curvavam o joelhinho em gratidão. Pererecas e sapos de todas as espécies entoavam o hino da criação. A passarada toda era uma orquestra só. Seus pais vibravam e choravam ao mesmo tempo. Verdadeiro contentamento.

Todas as previsões dos humanos asseguravam que aquela espécie se extinguiria nesse casal de araras, já de idade avançada. Lara jamais deu ouvidos a determinismos. Viera ao mundo para contradizer estatísticas frias e desestabilizar semblantes de muitas certezas. Alguns a olhavam com cara de dó. Até cochichavam: "Ela é tão linda. Tem penas tão belas e raras. Mas, tadinha, nunca vai casar. É a única de sua espécie". Lara nem se importava com isso. Vivia feliz. Gostava das coisas simples. Interagia com todo mundo. Sabia que não era única. Na natureza tudo é comunhão e relação.

O curioso é que era mais amiga daqueles por quem ninguém dava nada. Poucos entendiam como uma arara tão bela, elegante e fina dava atenção até a gafanhoto mané-magro, aqueles animaizinhos que mais parecem pedaços de cipó. Lara gastava tempo admirando garças, socós, quero-queros, sabiás, bem-te-vis, tucanos, papagaios, corujas. Sem falar que era fascinada por mamíferos, anfíbios e peixes. Ela sentia que em suas penas e sua carne havia parte de cada um deles.

Lara também era dada à solidão. Vez em quando sumia no verde intenso das árvores, só para sentir-se uma árvore e ouvir a música do vento, o chiado dos bichos, o cantarolar dos pássaros, a guizalha dos grilos, o piado da andorinha e as taramelas das maritacas. Ela achava lindo o movimento das folhas. Seu pescocinho colorido dava um giro de 360 graus acompanhando uma folha cair do alto até o chão. Havia dias em que Lara gostaria de se transformar em borboleta. Em outros dava voos rasantes, queria mesmo era ter a ousadia dos urubus, daqueles que costumam sobrevoar o céu bem alto. A arara Lara gosta mesmo é de viver. E vive cada dia como uma dádiva maravilhosa. O que não há é tempo ruim nem cara feia para Lara.

* Antonio Iraildo Alves de Brito é padre paulino, jornalista, bacharel em Filosofia e Teologia. Mestre em Letras e Regionalidade. Doutorando em Comunicação e Semiótica. Publicou o livro *Patativa do Assaré: porta-voz de um povo* pela PAULUS.
iraildo@paulus.com.br

HISTÓRIAS PARA CONTAR *e encantar*

Com 25 anos de atuação, o Museu da Pessoa, em São Paulo, abriga um acervo com 17 mil histórias de vida

Fundado no Brasil em 1991 pela historiadora Karen Worcman, o Museu da Pessoa nasceu com a ideia de constituir uma grande rede internacional de histórias de vida. Para Karen, diretora do museu, nossa memória nos faz entender quem somos; por isso, é o nosso maior patrimônio – e podemos aprender muito com ela.

Com sede no bairro da Vila Madalena, em São Paulo (SP), o Museu da Pessoa é uma instituição virtual e colaborativa que reúne centenas de histórias de vida de brasileiros e brasileiras das mais variadas regiões, classes sociais, idades e profissões. Karen decidiu que o museu seria virtual antes mesmo do *boom* da internet, assumindo que o grande valor das narrativas de vida estava em seu conteúdo e era, portanto, imaterial.

O objetivo do museu é transformar histórias em fonte de conhecimento, conexão e compreensão entre pessoas, em patrimônio intangível da sociedade. Em mais de 250 projetos de memórias, o museu foi construindo seu acervo. Atualmente, o espaço abriga cerca de 70 mil imagens e documentos digitalizados e 17 mil narrativas de vida, coletadas por meio de entrevistas gravadas em vídeo, nos estúdios e em expedições da equipe país afora.

As histórias de vida, ao mesmo tempo que falam de pessoas comuns, também narram a história do Brasil nos séculos XX e XXI. Todos os registros são organizados e armazenados em uma base digital, com o objetivo de servir e contribuir com a criação de diferentes perspectivas da nossa sociedade. Para os organizadores, conhecer um grupo de histórias de vida é uma maneira de expandir nossa visão do mundo, pois elas são uma peça de informação única, que nos mostra como as diferentes pessoas criam suas próprias realidades.

Karen conta que talvez a maior característica das narrativas de vida não seja a subjetividade, mas a singularidade da narrativa – isto é, o fato de que cada narrativa constitui uma articulação singular, feita por alguém. Trata-se de uma narrativa que traduz sempre a perspectiva pessoal que o indivíduo tem sobre a própria experiência ou sobre um tema específico. O processo de "narrar" a própria história impacta o indivíduo, uma vez que o leva a criar e rever o sentido de suas experiências.

Os organizadores explicam que não há narrativa sem escuta. Assim, a prática do Museu da Pessoa é a busca da conexão entre as narrativas e a promoção tanto da fala como da escuta. Cada narrativa é transformadora, na medida em que é reconhecida por um outro, seja uma pessoa, seja a coletividade.

Mais um pouco de história

Rosana Miziara é historiadora e entrevistadora do Museu da Pessoa. Ela conta que já fez um pouco de tudo. "Já cheguei a carregar até caixa de som para gravar na casa das pessoas os depoimentos das histórias de vida. Atualmente estou na área de comunicação e sustentabilidade e trabalho com memória oral no museu", afirma.

Rosana revela que o surgimento do museu se deu graças ao árduo trabalho de Karen Worcman. Certa vez, a carioca fez um trabalho sobre heranças, lembranças e histórias de judeus no Rio de Janeiro. Entrevistou centenas de pessoas e o resultado final foi um rico material em mãos. Em seguida, ela teve a ideia de reunir histórias de vida de pessoas comuns. O livro *Heranças e lembranças – Imigrantes Judeus no Rio de Janeiro* se transformou em uma exposição, que Karen trouxe para São Paulo, no museu da Imagem e do Som (MIS). A partir daí começou a trajetória do Museu da Pessoa, que hoje soma 25 anos de trabalho e reconhecimento.

Protagonistas da história

No museu estão as histórias das mais diversas pessoas, desde o catador de papel ao presidente da República, de ator famoso a ator anônimo, de dona de casa a quilombola, de empresário a assaltante. Cada narrativa vem acompanhada de ima-

gens que representam a trajetória de vida dos entrevistados. Todos os depoimentos estão disponíveis no portal do museu digital e podem ser acessados no site www.museudapessoa.net.

Em visita ao museu, compreendemos que é possível contar a história de qualquer pessoa de diversas maneiras. O espaço tem um programa chamado "Conte sua história", com um estúdio aberto para que qualquer pessoa conte sua história. Para participar, o candidato deve fazer um agendamento prévio. Depois da confirmação na agenda do museu, uma equipe especializada ficará à disposição para entrevistar o interessado e realizar o trabalho.

Outro modo é por meio da unidade móvel – assim, o museu vai até as pessoas. "Temos uma cabine que instalamos em alguns lugares públicos da cidade nos quais a pessoa pode entrar para dar seu depoimento", explica Rosana. A equipe do museu já visitou diversos lugares e também já esteve presente em estações de metrô, agências de correios, unidades do SESC, entre outros locais.

Além disso, as expedições realizadas pelo Brasil desde 2006 deram vida ao projeto "Memórias dos brasileiros", em que os profissionais viajam pelo Brasil para fazer o registro de saberes e fazeres em extinção. Além disso, o museu presta serviço para empresas e instituições que desejam compilar suas memórias orais em entrevistas.

Quem se interessar também pode enviar sua história pela internet, no portal do museu, pelo projeto "Conte a sua história". Ainda é possível anexar fotos e vídeos para ilustrar o depoimento.

Os organizadores do museu contam que a experiência permite ao visitante ser também curador e acervo. Como curador, ele consegue escolher a história a que quer assistir por meio da ferramenta "Monte a sua coleção". É possível saber quem falou de casamento nos anos 1960, identificar todas as pessoas que falaram sobre o tema e selecionar o depoimento que deseja ver. No tópico "Acervo" ele pode contar a própria história e, como visitante, interagir com todos.

"Acredito que essa ferramenta seja bastante útil para os professores, que podem buscar temáticas que estejam trabalhando com os alunos e ver a perceptiva, a partir da história pessoal, de assuntos como imigração, migração e política", afirma Rosana.

A instituição também busca inserir as escolas públicas no trabalho diário com o projeto "Memória Local na Escola". Sônia London, coordenadora da área de Educação do museu, explica a importância dessa iniciativa. "Os alunos descobrem os moradores da região onde estudam e passam a conhecer a história da qual fazem parte, de que podem se orgulhar. As atividades cotidianas de escrita, desenho e estudo da história adquirem um novo significado e possibilitam que alunos, professores e escola se tornem agentes da história local", finaliza.

Informações

Museu da Pessoa

Museu virtual aberto ao público:
www.museudapessoa.net
Visitas ao espaço:
Todas as sextas-feiras, das 9h às 18h, mediante agendamento prévio.

Contato

Tel.: (11) 2144-7150
E-mail: contesuahistoria@museudapessoa.net

Localização

R. Natingui, 1100 – Vila Madalena – São Paulo (SP).

Cleane Santos/Divulgação

Entrada da sede do Museu da Pessoa.

POR QUE FILOSOFIA

Quando se fala em educação, logo me vêm à mente as marcas deixadas na formação cultural de nossa sociedade pelo golpe militar e instituição da ditadura, que vigorou dos anos 60 aos 80. Naquele momento eu me preparava para o vestibular. Queria Filosofia, um curso não muito conhecido, disponível em poucas universidades, diferentemente da Europa, onde as crianças a têm desde cedo. Para meu espanto, fomos informados de que tanto Filosofia como Sociologia haviam sido vetadas.

Filosofia é uma disciplina extremamente perigosa para um Estado autoritário. Com ela, além de aprendermos a enxergar a realidade das coisas e do mundo em sua totalidade, desenvolvemos um **"terrível" senso crítico**. Exatamente por isso ela se torna uma ameaça; há sempre o perigo de desestabilizar aquilo que parece estável. Logo, em regimes totalitários ela não tem lugar.

Naquelas duas décadas, as escolas não educaram. Os alunos eram treinados como robôs para decorar tudo: tabuadas, datas comemorativas nacionais, fórmulas científicas, perguntas que certamente cairiam nas provas, capitais do Brasil, hinos (do nacional ao do aviador), nomes e datas da História do Brasil (os fatos não tinham importância). Não se educava para pensar, para criar novas formas de aprendizagem, mas para repetir fórmulas. As pessoas não foram preparadas para dizer NÃO aos sistemas, não foram educadas para duvidar, mas para aceitar tudo sem questionar.

Assim, como esperar que as pessoas, crianças e jovens daquela época tenham, hoje, uma alma criativa e revolucionária? Aqueles poucos cujos lares ofereciam ambiente mais favorável e tinham uma inquietação particular conseguiram escapar à robotização. Foram muitas as gerações prejudicadas. É bem verdade que a anistia chegou nos anos 80, mas ninguém se recupera da noite para o dia. Foi preciso muito tempo para que se percebessem os estragos da ausência de uma educação que enxergasse os educandos como seres pensantes e capazes de criar os próprios meios e recursos de aprendizagem.

A Filosofia fez muita falta e sua ausência por tanto tempo é uma das razões dos descalabros de hoje. Mesmo de volta aos currículos há alguns anos, ela enfrenta descrédito. Ao verem os filhos com um livro de Filosofia nas mãos, muitos pais se perguntam: "Por que estudar isso? Não vai contribuir em nada para meu filho se empregar e ganhar dinheiro!". A Filosofia ainda não alcançou seu lugar no ensino e a prova disso é a reforma no ensino médio; entre as várias propostas, a filosofia, bem como a sociologia, não precisa ser obrigatória.

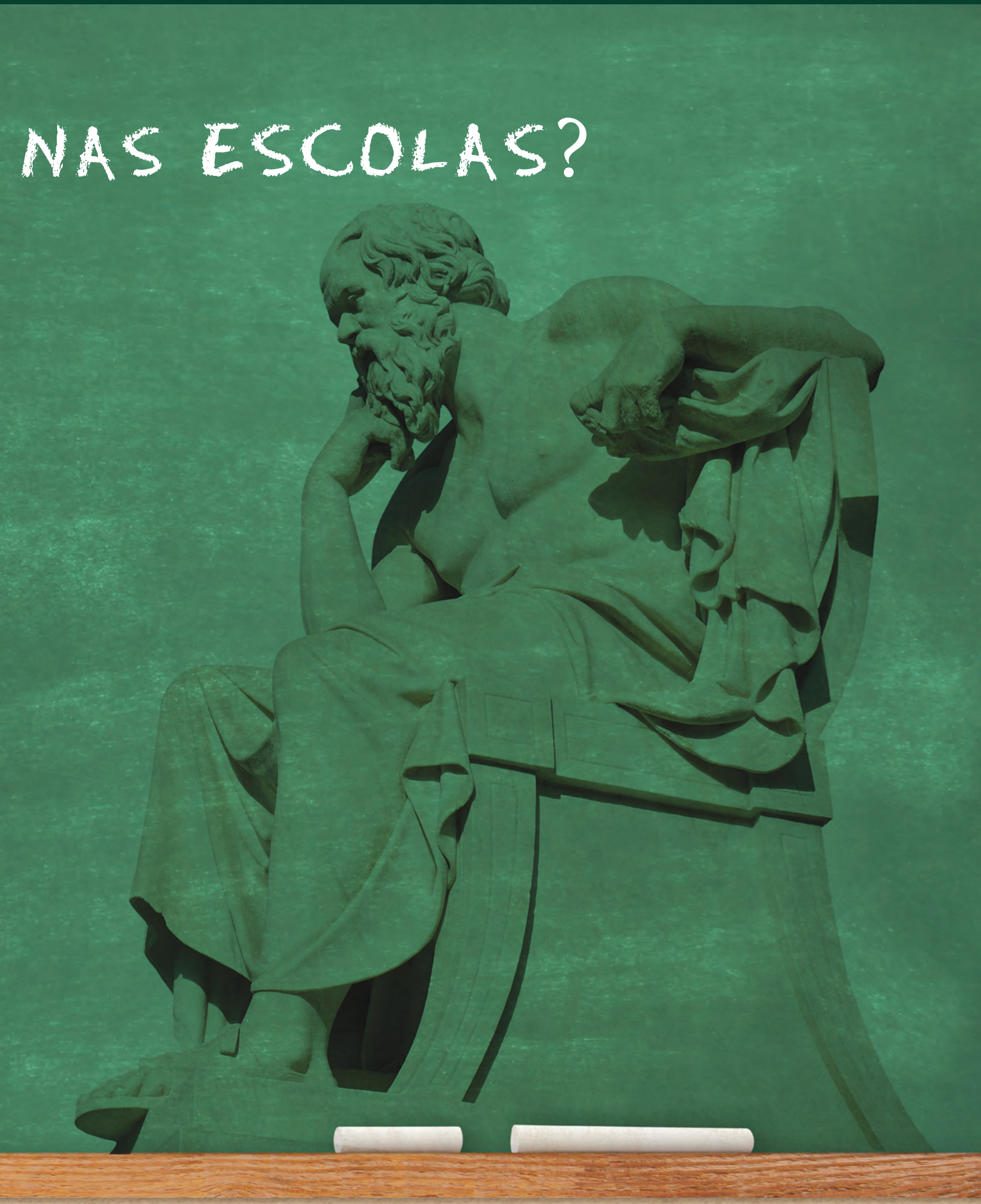
> "As pessoas não foram preparadas para dizer NÃO aos sistemas, não foram educadas para duvidar, mas para aceitar tudo sem questionar."

É claro que esta é uma forma covarde de se propor a saída dessas disciplinas. Seria escandaloso demais retirá-las, de fato, do currículo, pois isso traria de volta a lembrança obscura da ditadura e o governo seria identificado como autoritário. Então, o jeito é deixá-las à mercê do interesse de cada instituição. E o governo tiraria de si a responsabilidade de auxiliar na formação de um cidadão pensante, crítico. É essa a regra da burocracia que alimenta a covardia e a irresponsabilidade. Este é hoje o nosso país.

---

* Neide Coelho Boëchat é coordenadora do curso de Filosofia no UNIFAI – Centro Universitário Assunção, doutora em Filosofia e bacharel em Psicologia. É autora do livro *História e escassez em Jean-Paul Sartre*, indicado ao **Prêmio Jabuti 2012** na área de Ciências Humanas.

NAS ESCOLAS?



O CINEMA na escola

O cinema é a arte criada pela burguesia do século XIX. Com ele, uma nova linguagem, a audiovisual, se desenvolve e ele se torna "o grande contador de estórias da primeira metade do século XX", conforme define Jean-Claude Bernardet em *O que é cinema*. Como arte de entretenimento, descobre sua condição de produzir ideias, de retratar realidades, de veículo de propaganda política e partidária, de manutenção de ideologias, um meio de reflexão estética, de ética e de religião.

Desde a primeira exibição pública em Paris, em 28 de dezembro de 1895, esta arte que, na visão de Bernardet, "reproduzia a vida tal como é – pelo menos essa era a ilusão", gerou inegável transformação social e cultural. Hoje, diante da sociedade imagética e da informação, em que a mídia exerce grande influência no processo de formação humana, não há como negar à sala de aula o privilégio da imagem e do som na produção e difusão do conhecimento.

A educação não deve se ater apenas à formação de competências científicas, técnicas e tecnológicas, mas preocupar-se em formar indivíduos reflexivos, criativos, atentos aos fenômenos de uma sociedade em permanente construção. Faz-se necessário inserir ao processo inovações que gerem debates – ainda que eivados de certa dose de dogmatismo, do exercício operacional da razão pura –, unidas à afetividade. Introduzir na prática pedagógica reflexiva a cultura sistematizada, a literatura, o cinema, enfim, a arte, de modo a tornar a aula diferente e prazerosa, permitirá ao aluno um repensar crítico de suas concepções de mundo e maior sofisticação no exercício da inteligência.

Razão e sensibilidade

O uso do cinema torna-se alternativa para a quebra dos tradicionais paradigmas didático-pedagógicos, contribuindo para o processo de humanização do aprendiz, instigando-o ao exercício da liberdade de pensamento, da opinião e da consciência de seu papel no meio social. É capaz de mostrar aos alunos não apenas uma simulação do real, mas reavivar sua sensibilidade e capacidade criativa, essenciais para a formação. Importantes estudiosos fizeram referência à experiência da arte como primordial para o aprendizado justamente pela capacidade de gerar dúvidas, instigar, propiciar desequilíbrios e perturbações intelectuais.

Do ponto de vista da formação cultural, educacional e estética, assistir a filmes é prática tão importante quanto ler livros acadêmicos, como diz Rosália Duarte em *Cinema & Educação*. Parece ser desse modo que determinadas experiências culturais, associadas a certa maneira de ver filmes, acabam interagindo na produção de saberes, de identidades, crenças e visões de mundo de um grande contingente de atores sociais. Este é o maior interesse que o cinema tem para o campo educacional: sua natureza eminentemente pedagógica.

Na obra *Como usar o cinema na sala de aula*, Marcos Napolitano avalia que trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada. O cinema é o campo no qual estética, lazer, ideologia e valores sociais mais amplos se sintetizam. Complementando, Edgar Morin, em *A cabeça bem-feita: repensar a*

reforma, reformar o pensamento, diz que "o romance e o cinema oferecem-nos o que é invisível nas ciências humanas; estas ocultam ou dissolvem os caracteres existenciais, subjetivos, afetivos do ser humano, que vive suas paixões, seus amores, seus ódios, seus envolvimentos, seus delírios, suas felicidades, suas infelicidades, com boa e má sorte, enganos, traições, imprevistos, destino, fatalidade..."

Forma de reprodução da realidade, ou de pedaços dela, o cinema leva o público a identificar-se com determinada situação, a interpretá-la segundo suas vivências, desejos e inquietações. A arte, de modo geral, propicia ações educativas que unem razão à afetividade, conduzindo o sujeito para que veja o mundo esteticamente, muito além do conhecimento dogmático. Expor os alunos à experiência de aprender com a arte é ofertar conhecimento criativo. Segundo Janaina Pires Garcia em "Ensinar cinema: a experiência do aprender fazendo", o cinema leva o aluno a (...) "um novo endereçamento do olhar, a dar espaço a outra percepção, aceitar ver as coisas, com sua parte de enigma, antes de sobrepor-lhe palavras e sentidos". O acesso à arte nada tem de confortável ou passivo, pois desenvolve o pensamento divergente do aluno, essencial para que seja um sujeito pronto para aprender, criativo, inovador, articulado, apto a construir e reconstruir conceitos e a solucionar problemas.

"Senta que lá vem história"

Como veículo didático, o cinema traz à sala de aula todos os benefícios que a arte pode proporcionar para a educação. Ao simularem de alguma forma a realidade humana, os filmes podem ser recursos extremamente ricos para suscitar o debate acerca de fenômenos sociais associados à disciplina e estabelecer uma intimidade entre os saberes curriculares fundamentais e a experiência social dos alunos como indivíduos. Mas apenas assistir ao filme com os alunos não é suficiente. O filme pelo filme, sem que haja mediação, por parte do professor, entre a obra e os alunos, não leva à aprendizagem. Daí a necessidade de selecionar filmes que tenham, de algum modo, "dimensão educativa, no sentido de formação de valores, visão de mundo e conhecimento", como ressaltam Ana Maria V. de Sousa e Grasiele A. F. Nascimento, em "Direito e cinema: uma visão interdisciplinar".

Cabe ao professor preparar a classe, fornecer materiais de leitura sobre os temas, colher informações sobre a filmografia da obra e propor debates articulados após a exibição com temática integrada aos assuntos da disciplina e do conteúdo pedagógico em estudo. É importante articular a proposta pedagógica ao processo de ensino-aprendizagem e pensar atividades orientando-se, por exemplo, por critérios na escolha e abordagem dos filmes, como se a exibição será na íntegra ou apenas algumas cenas.

O filme deve ser abordado em várias perspectivas, a fim de extrair o máximo de conteúdo capaz de suscitar debates múltiplos e novos posicionamentos, olhares, sentimentos, ideias, valores. Mais rico será, ainda, recomendar aos alunos material de leitura de apoio, contextualizando saberes, mostrando realidades por eles desconhecidas. Esses cuidados evitarão que a exibição de filmes seja compreendida como forma de "matar aula", ou "tapa-buraco", por exemplo, na falta de professor. Se bem conduzida, a aula que inclui o cinema tem tudo para ser uma experiência instigante, motivadora e que faça a diferença na formação do pensamento crítico de futuros cidadãos no exercício pleno de seus direitos e deveres.

Referências

BERNARDET, Jean-Claude. *O que é cinema*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

DUARTE, Rosália. *Cinema & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GARCIA, Janaina Pires. "Ensinar cinema: a experiência do aprender fazendo". *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro (RJ), 30 ago. 2011.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita:* repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003.

NASCIMENTO, Grasiele Augusta Ferreira; SOUSA, Ana Maria Viola de. "Direito e Cinema: uma visão interdisciplinar". *Revista Ética e Filosofia Política*, Juiz de Fora (MG), n. 14, v. 2, out. 2011.

* Ana Carla de Oliveira Mello Costa Pinho é mestra em Educação pela UMESP e graduada em Direito pela PUC-PR. Advogada, mediadora e professora de Mediação e Arbitragem, Introdução ao Estudo do Direito e Direito Internacional Público no UNIFAI (Centro Universitário Assunção). Professora de Noções de Direito e Administração na FATEC de Itaquera.

CULTURA POPULAR e educação

Divulgação

Entre 2001 e 2005, lecionei Língua Portuguesa no colégio Joana Angélica, em Igaporã, pequena cidade do sertão baiano onde passei parte de minha infância. Por muito tempo, me ative ao planejamento e às atividades do livro didático, de modo que sobrava pouco ou nenhum espaço para a cultura local. Isso até o início de 2004, quando trabalhamos uma crônica de um autor conhecido que, se não me falha a memória, falava da vida na metrópole, do ponto de vista de alguém que vivia num minúsculo apartamento. Um aluno da 7ª série, depois de concluída a leitura, me fulminou com a pergunta: "Professor, afinal, de que nos servirá este texto? Eu jamais me imaginei morando numa cidade grande, que dirá num apartamento!" Argumentei que era necessário conhecermos outros modos de vida, pois não sabíamos o que o futuro reservava – enfim, apelei para o clichê. Na aula seguinte, munido das ideias de Paulo Freire, fiz um trato com meus alunos: iríamos estudar os conteúdos que faziam parte da grade escolar, mas, também, criaríamos nossos próprios conteúdos. "Como?", perguntaram, assustados. Propus então que, a partir de suas vivências, eles anotassem as histórias contadas pelos pais, avós, tios, vizinhos e outras pessoas com quem conviviam. E mais: anotassem, ainda, as quadrinhas, brincadeiras, superstições e ditos populares. Nem preciso dizer que, depois daquele dia, as aulas tornaram-se muito mais "leves" e eram aguardadas com certa ansiedade.

Além dos contos tradicionais, das lendas e mitos, das parlendas e adivinhas e outros gêneros da literatura oral, as crianças passaram a conhecer histórias que envolviam seus familiares – histórias heroicas e, por vezes, cômicas –, descobrindo que todos nós somos parte de um conjunto de tradições e que são essas tradições que definem nossa identidade como povo e a do nosso país, como nação. Ao mesmo tempo, descobriram, encantados, a literatura de cordel e se surpreendiam com o fato de seus pais e avós conhecerem muitas das velhas histórias que líamos em sala de aula. Parte dos contos recolhidos pelos alunos do colégio Joana Angélica integra a antologia *Contos folclóricos brasileiros*, publicada em 2010 pela PAULUS Editora, da qual sou autor/organizador. Uma das fontes para o livro foi Isaulite Fernandes Farrias (Tia Lili), dona de uma memória invejável, que, em 2017, completou 80 anos. Uma das histórias contadas por ela é "A moça tecelona", narrativa exemplar que faz parte do repertório de minha infância.

Essa história é um exemplo para aqueles que gostam de levar vantagem em cima dos outros. Fala de uma moça que vivia fazendo fio num tear. Por isso, era chamada de tecelona. Ela fazia o serviço no salão de uma casa grande que tinha um monte de tear, onde outras mulheres também trabalhavam. Quando as outras saíam, a tecelona tirava um pedaço do fio de cada uma e, de forma desonesta, aumentava sua produção – e, consequentemente, sua renda.

O tempo foi passando, passando, mas ela nunca perdeu o mau costume. Até que chegou o dia de sua morte. A tecelona, então, viu um fio que descia do céu. Por ele, ela começou a subir ao céu. Subiu até certo ponto, mas não pôde

prosseguir, pois surgiu um trançado de fios que não a deixava ir mais para cima. Eram os mesmos fios que ela roubara das companheiras de ofício e que, agora, impediam sua entrada na glória.

É de se presumir que este conto, narrado com o gestual e os trejeitos característicos dos grandes contadores de histórias, provoque muitas reflexões na audiência, especialmente pelo tom moralizante, calcado em crenças arcaicas que parecem preceder o cristianismo.

Folclore infantil

As brincadeiras infantis, hoje praticamente desaparecidas do cotidiano das grandes cidades, também fazem parte do cardápio das tradições populares. Foram suplantadas pelos jogos eletrônicos e pelos programas de TV, e nisso há um grande prejuízo para as crianças, privadas de exercícios que ajudam no desenvolvimento cognitivo por meio de exercícios verbais e corporais. Na escola, busca-se suprir ou atenuar essa deficiência, mas, muitas vezes, por falta de orientação, cai-se no caricato e no estereótipo. Um exemplo de brincadeira tradicional que exige perspicácia e agilidade é a "Boca de Forno", outrora famosa em todo o Brasil, com variantes também em outros países. Consiste na realização de tarefas e está arrolado entre os "jogos de competição" na classificação de Veríssimo de Melo. Uma criança, que está temporariamente no comando, propõe às demais uma tarefa – rodear uma árvore e retornar ao local em que se encontra o proponente. Cada lugar apresenta uma versão diferente, mas as variações são mínimas. A que conheci era assim:

— Boca de forno!
— Forno! (todos respondem)
— Jacarandá!
— Já!
— Se eu mandar!
— Tem que ir!
— Se não for?
— Bolo!
— Quantos?
— Quatro. Dois de pai e dois de mãe.

E assim, despretensiosamente, a vida se convertia numa grande brincadeira. Com suas agruras e privações, é verdade, mas, ainda assim, uma brincadeira. É esse espírito que precisa ser reintroduzido em nosso cotidiano, não apenas nas escolas. São esses ritos, arrolados pelos estudiosos entre os fatos folclóricos, que marcam as várias fases da nossa vida e precisam ser (re)descobertos para que nossas crianças exerçam o direito que têm a uma infância plena.

Para saber mais sobre folclore

- **Folclore e educação**
Paulo de Carvalho Neto
Editora Salamandra, 1981.
- **Dicionário do folclore brasileiro**
Luís da Câmara Cascudo
Editora INL, 1962.
- **Contos folclóricos brasileiros**
Marco Haurélio
Editora Paulus, 2010.
- **Folclore infantil**
Veríssimo de Melo
Editora Itatiaia, 1985.

* Marco Haurélio é formado em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Caetité, e depois veio para São Paulo. Hoje atua como editor e tem dezenas de livros publicados, a maior parte voltada para a literatura de cordel e a cultura popular brasileira. Pela PAULUS publicou *Contos folclóricos brasileiros*, *A lenda do Saci-Pererê em cordel*, *Artes do Caipora em cordel*, *Literatura de cordel*, *A canção do Tio Dito* e *Traquinagens de João Grilo em cordel*.

A CENA QUE PENSA O TEMPO

"O teatro é verbo, não simples adjetivo." (BOAL, 1931, p. 38)

O Teatro de Opinião corresponde a um projeto de atividades realizadas nas oficinas de teatro do Centro de Atendimento à Criança e ao Adolescente – CCA De Olho no Futuro – PAULUS, com o intuito de despertar nos adolescentes um olhar mais crítico diante do próprio cotidiano. A principal ideia é que o adolescente possa enxergar as relações que estão sendo estabelecidas e propor uma ruptura no modo como a cena foi interpretada – isto é, ele poderá colocar sua reflexão em ação sobre a cena. Essa proposta surgiu a partir de um estudo baseado no "Teatro do Oprimido", método teatral criado pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal e evidenciado em um de seus livros mais famosos, *Jogos para atores e não atores*.[1] Nesse livro, Boal conta como foi sua experiência de aplicação do método quando estava exilado na França.

O termo Teatro do Oprimido surge como título da primeira obra de Boal, em que o autor se refere explicitamente a Paulo Freire. O aspecto pedagógico desse teatro aparece em primeiro plano. O projeto político destaca-se com força e impõe-se através de um processo análogo ao que deu luz à Pedagogia da Libertação.

A linguagem cênica, quando utilizada como meio e ferramenta de transformação social, contribui sem medida para o aprimoramento das relações imediatas dos sujeitos envolvidos e "submetidos" por extrema espontaneidade e voluntarismo à "quarta parede" do cotidiano.

Ao reunir, no mesmo palco da vida e território, o viço artístico com as necessidades de crianças e jovens e seus meandros relacionais, as questões humanísticas e grupais são favorecidas, e, em última instância, têm no teatro a ajuda para construir um conceito e uma prática de convivência que extrapola criativamente a ideia de Projeto Social.

Quando entendemos que o vínculo que buscamos melhorar nas relações de jovens e seus familiares são precedidos pelos movimentos de convivência, o Teatro do Oprimido coloca ingredientes fortes: discussão, debate, reflexão e um ajuntamento de comportamentos solidários e ancorados na crença em uma cidade melhor, numa vida mais virtuosa, num mundo socialmente menos desigual.

[1] BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não atores*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2011.

Como se dá o jogo

No primeiro momento, um dos adolescentes conta um fato para os demais; em seguida, em grupo, os adolescentes reproduzem uma fotografia da cena, exatamente como ela é. Após um sinal do orientador social, os adolescentes terão de agir de acordo com seus personagens e princípios. No segundo momento, a cena é representada novamente, mas vai sendo modificada em 4 pontos de vista diferentes, conforme explicação abaixo:

A cena vista em quatro (4) pontos

1º ponto: a cena como ela é

Trata-se da cena real. Pede-se a um participante que conte um fato histórico que possa ter acontecido com ele ou com outro indivíduo. Exemplo: um acidente na rua. Os participantes devem reproduzir a imagem do acidente, e, após um sinal do orientador social, a imagem ganha vida e a cena começa. Na cena como ela é, os envolvidos (personagens) deverão ter uma reação diante da cena semelhante à reação contada no fato histórico.

2º ponto: a cena como ela não é

Trata-se da cena extremamente dramática e absurda. A cena real volta à imagem reproduzida e, após o sinal do orientador social, a cena começa: os envolvidos (personagens) deverão ter uma reação exagerada diante da situação do fato histórico (como, por exemplo, o acidente). Na cena como ela não é, os envolvidos terão de reagir de forma absurda, diferentemente da cena anterior.

3º ponto: a cena como ela poderia ser

Trata-se da cena vista de maneira generosa e humana. A cena real volta à imagem reproduzida novamente e, após o sinal do orientador social, a cena começa: os envolvidos (personagens) deverão ter uma reação a partir da opinião que eles têm sobre o fato histórico (como, por exemplo, o acidente) – ou seja, eles terão de reagir na situação da melhor forma possível, de acordo com a maneira como consideram que a cena deve ser resolvida.

4º ponto: a cena como ela poderá ser

Trata-se da cena no futuro. A cena real volta à imagem reproduzida e, após o sinal do orientador social, a cena começa novamente – os envolvidos (personagens) deverão ter uma reação na situação a partir da primeira cena, isto é, representar a cena real (primeiro ponto) vista no futuro (por exemplo, 10 anos depois).

Neste exercício, entre o passado, o futuro e o presente, o orientador social provoca o olhar dos envolvidos e os transporta diretamente para as relações sociais que a eles são apresentadas. Deste modo, ocorre a experiência singular do teatro, uma espécie de situação empática do adolescente com as reações dos envolvidos, da cena e do acontecimento.

A partir deste olhar, o envolvido percebe-se literalmente ligado à situação-cena que representa e ao seu diálogo direto com os meios de comunicação (mídia, relações familiares, escola e outros).

O poder de olhar de fora e mudar os fatos com a carga histórica que todos temos acaba por conquistar um espaço arbitrário do ponto de vista comum. As artes cênicas são vistas em geral como formas de expressão e inibição. O Teatro de Opinião que parte do Teatro do Oprimido vem para acrescer essa prática de transformação social e posicionamento político, e esse *game* sensorial é um gatilho para o raciocínio juvenil se desenvolver no ambiente seguro da convivência, no foco pedagógico da proposta em curso.

Fazer teatro é se posicionar politicamente sobre o mundo, e a alma do protagonista é viva e constante, numa tocada que se estabelece contributiva diante do palco, de si mesmo e do outro – no momento em que fixa para o bem e para sempre o papel insubstituível da arte no trabalho social.

* Rodrigo Cristalino Bezerra da Silva é orientador social da PAULUS – Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV "De Olho no Futuro".

MULHERES...

Seus mistérios e suas lutas as tornam extraordinárias

Papa Francisco se refere ao chão da vida das pessoas não lembradas como as periferias existenciais. Este é o lugar do encontro, o lugar onde a Igreja deve fincar as suas estacas, para que, uma vez misturada à vida das pessoas, inundada em seus dramas e alegrias, possa representá-las, fazer valerem os seus direitos e assumir para si a luta contra a degradação humana. Essa tarefa não deve ser incumbência somente da instituição da qual falamos, mas de todos, na qualidade de ser humano, que *a priori* não é, e jamais será, sozinho.

Karla Maria, que já forjava sua trajetória no jornalismo a partir da cultura do encontro, decidiu que era hora de avançar e reuniu um pouco das muitas histórias que os quinze anos dedicados ao jornalismo lhe deram de presente. Também ela preferiu as periferias existenciais, chão de suas reportagens, que, antes de qualquer coisa, desnudavam à sua frente pessoas atravessadas pelo sofrimento, que generosamente compartilharam suas dores.

O livro *Mulheres extraordinárias* ultrapassa, a meu ver, as questões do famigerado empoderamento feminino e paira sobre as questões da concessão do direito à vida, do que é humano, que se sobrepõe ao empoderamento de ideologias e de partidarismos.

A vida real de mulheres reais é revisitada de forma delicada pela autora. Mulheres que carregam as suas cruzes, obstinadas pela vida, sem delongas, sem discursos, porque quase sempre não lhes sobra tempo nem forças para tanto. Mulheres que abraçam a causa de outros, os infortúnios de outros, conferindo à própria existência a responsabilidade de manter a vida. Mulheres violadas em sua dignidade, mulheres que de alguma forma experimentaram o calvário e que nele decidiram pela esperança são as principais fontes das entrevistas e matérias de Karla.

Por tratar o livro do cotidiano de tantas mulheres, talvez se ocasione a pergunta: o que as tira do ordinário da vida? De fato, não é o sofrimento; não, este não as privilegia. O extraordinário se revelará na generosa capacidade com que compartilham as saídas descobertas, apropriadas da liberdade de quem já foi lá, viu e decidiu voltar.

Outro aspecto que marca o livro *Mulheres extraordinárias* e que, lamentavelmente, é raro é a seriedade na apuração das informações.

Karla tem o zelo dos bons jornalistas no ofício de tornar pública alguma coisa. Ela investiga, checa, embasa. Tem consciência de que as histórias que ouve não são gratuitas, pois carregam em si uma infinidade de elementos que precisam ser lidos e relidos nas entrelinhas. Ofício do jornalismo.

Ao que me parece, Karla não pretendeu tecer críticas ao sistema nem demonstrar insatisfações subjacentes. Lançou mão de seu gosto pela palavra escrita e a lapidou. Palavra e encontro, que resultaram em palavra-verdade, palavra-dor, palavra-luta, palavra-poesia.

As histórias falam por si, e em cada uma delas se desvela um turbilhão de sentimentos, que certamente promoverão o reconhecimento do leitor, no relato, no lugar, na experiência de alguma das muitas mulheres que se revelarão nas páginas dessa obra.

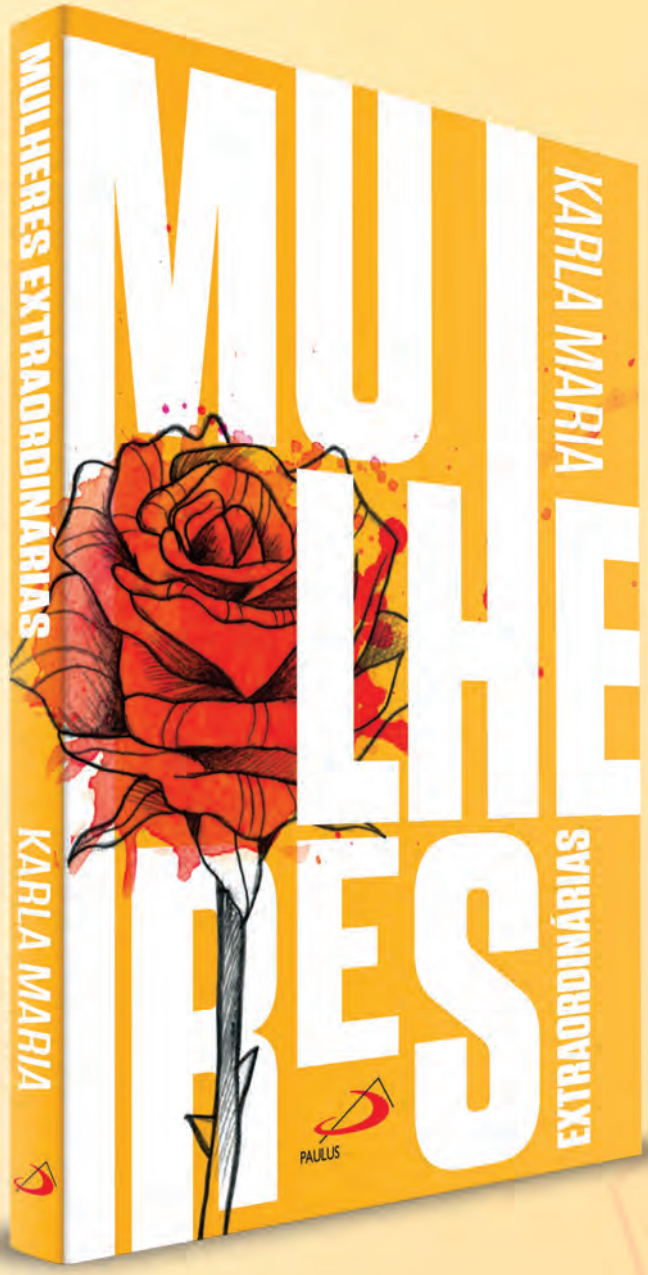
Na pele de alguma mulher, negra, branca ou indígena, pobre, agredida, traficada, doente, forte, resistente, incansável, sem respostas, chefe de família, corajosa, haverá de acontecer um encontro.

Tenho a impressão de que esta obra, que não cabe em si de tanta verdade, tem um sutil, mas marcante teor de gratidão. E as histórias, atemporais, por sua veracidade e vida se propagarão e se perpetuarão na vida dos leitores que tiverem a graça e a coragem do encontro com *Mulheres extraordinárias*.

---

* Dílvia Ludvichak é autora, jornalista, especialista em Jornalismo Cultural, Literatura e Religião e Cultura.

A VIDA REAL PODE SER MAIS EXTRAORDINÁRIA QUE A FICÇÃO. **AS HEROÍNAS REAIS, TAMBÉM.**

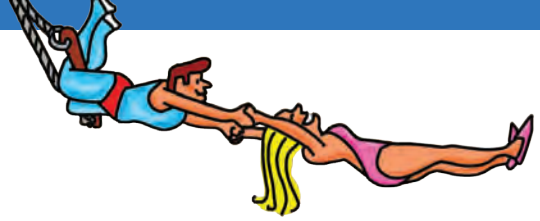


256 páginas

MULHERES EXTRAORDINÁRIAS

de Karla Maria

Com sensibilidade e apuração jornalística, Karla Maria reuniu perfis, reportagens e histórias de mulheres marcadas por dramas sociais, raciais e morais. Essas mulheres confiaram à jornalista lágrimas e sorrisos, lutas e conquistas, tombos e superações, construindo uma obra para aqueles que apreciam boas histórias e um jornalismo vivo, humano e verdadeiro.



Projeto Coletânea Literária: ROSEANA MURRAY

Os alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental do colégio Acesso, em Curitiba (PR), tiveram a oportunidade de conhecer, por meio do Projeto Coletânea Literária, a vida e as obras da autora de livros infantis Roseana Murray.

A biografia da escritora foi apresentada pela professora Guida, que deu destaque à infância de Roseana Murray, repleta de convivência com a família e cheia de imaginação – principalmente quando brincava na cabine de experimentar roupas da loja de seu pai. Autora de mais de cem livros, contos e poesias para crianças, jovens e adultos, a escritora alegrou-se em saber que suas obras chegam a leitores de lugares tão distantes.

Os alunos do 1º ano, após conhecerem a biografia de Roseana Murray, leram coletivamente o livro de poemas *No mundo da lua*. Além de refletir sobre a ideia que inspirou o título da obra, "ficar no mundo da lua", as crianças discutiram poemas, rimas e temas que tratam de acontecimentos comuns do dia a dia, como o cantar de um bem-te-vi, a brincadeira de um gatinho e seu novelo de lã, a garotinha que pula amarelinha. Após toda a discussão a respeito da obra, elaboraram um poema coletivo sobre o livro estudado. Em seguida, foram convidados para representar, por meio de um desenho, uma situação do dia a dia e, depois, escrever espontaneamente quatro versos com rimas sobre essa situação.

Apresentar o poema para a turma foi um momento especial, em que a curiosidade, a expressão corporal e a entonação vocal tiveram destaque! Naquele momento, a sala era formada por pequenos poetas inspirados pela obra de Roseana Murray.

Após o trabalho sobre a biografia da autora, os alunos do 2º ano exploraram a obra *O circo*. Discutir sobre como era o circo no passado e como é no presente foi uma descoberta fascinante para os alunos. Ao ler os poemas que compõem a obra, despertou-se nos alunos a mesma fascinação que Roseana tem pelo circo.

Realizar algumas atividades circenses foi um momento marcante, e os alunos perceberam que, para trabalhar em um circo, é preciso muito treino e persistência; afinal, aquele que tem a responsabilidade de encantar o público é um grande ator. E ainda tem as pessoas que trabalham nos bastidores, para que o espetáculo aconteça com toda a magia!

Em seguida, os alunos escreveram coletivamente um poema tendo como tema o circo. É claro que a professora explicou previamente a estrutura de um poema. Após um pequeno treino coletivo, cada aluno transformou-se em um poeta e sonhou com o circo, expressando, por meio dos versos, seus sentimentos sobre o circo.

Já os alunos do 3º ano, além de terem explorado a biografia da poetisa, estudaram a obra *Duas amigas*. Em um espaço agradável, falaram sobre a amizade e os benefícios de se ter um(a) amigo(a), identificaram quem são seus verdadeiros amigos e o que é ser um amigo. A leitura da obra emocionou os alunos, que conheceram a história de duas amigas que, mesmo morando longe, cultivaram a amizade por meio de cartas.

Escrever uma carta para um amigo foi uma experiência diferente, principalmente por vivermos em um mundo repleto de tecnologia. Os sentimentos gerados por essa atividade resultaram na produção de um poema sobre a amizade.

Os alunos do 4º ano também trabalharam a biografia de Roseana Murray e exploraram o livro *O fio da meada*.

Na roda de conversa sobre o livro, foi inevitável tornar-se um filósofo, levantar hipóteses sobre a obra e "pensar sobre o pensar". Refletiram acerca dos bons e maus pensamentos, das consequências de se ter bons pensamentos e o que pode causar os ruins.

A família também fez parte do projeto, expressando, por meio da escrita e/ou de desenhos, os pensamentos que têm para o futuro. Depois, esses pensamentos foram apresentados para a turma.

Professora Fabiana com os alunos do 1º ano, elaborando o texto coletivo sobre a biografia de Roseana Murray.

Aluna relatando o desenho realizado após o trabalho com o livro *Duas amigas*.

Alunos explorando outras obras de Roseana Murray.

Alunos, em dupla, explorando a leitura da obra.

Professora Luciane com os alunos do 5º ano, explorando o livro *Três velhinhas tão velhinhas*.

Divulgação

E, como não poderia deixar de acontecer, os pequenos poetas do 4º ano "poetizaram" sobre os seus pensamentos, inspirados pelo livro *O fio da meada*.

Por fim, os alunos do 5º ano, após conhecerem a biografia de Roseana Murray, exploraram a obra *Três velhinhas tão velhinhas*.

Antes de lerem a história narrada, os alunos conheceram o mundo das pessoas idosas, por meio de uma entrevista que consistiu em perguntas sobre a alimentação, cuidados necessários, o que gostam de fazer, como se divertem e a convivência com as crianças. Conhecer a resposta de todas as entrevistas sensibilizou os alunos, de forma que, em diferentes situações, eles passaram a ver a pessoa idosa com mais carinho e atenção.

Ao realizar a leitura da obra, foi inevitável tomar as dores das três velhinhas da história – e muitas hipóteses sobre o que elas deveriam fazer em relação aos seus familiares foram levantadas pelos alunos.

Individualmente, cada aluno escreveu um poema, que expressava seus sentimentos sobre como é ser uma velhinha ou um velhinho.

Para fechar o "Projeto Coletânea Literária: Roseana Murray", todas as produções dos alunos serão reunidas e editadas em um livro, que terá o nome do projeto, uma breve biografia da autora e os poemas inspirados em suas obras. No dia do lançamento, todas as atividades desenvolvidas durante o projeto serão expostas e apresentadas à família e aos amigos dos alunos. Na ocasião, os alunos também autografarão o livro, com o sentimento de que aprenderam, por meio das obras de Roseana Murray, a ser poetas e poetisas!

Objetivos do projeto

- Propiciar aos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental a oportunidade de conhecer a biografia e as obras de um(a) autor(a) nacional de livros infantis.
- Realizar diferentes atividades que tenham como base as obras da autora, para que se descubram o tema das histórias e as lições que elas ensinam.
- Fazer a releitura da obra explorada, tendo como produto final a produção de textos individuais dos alunos, que farão parte do livro *Coletânea Literária*.

*A professora Guida é pedagoga por formação e atua na superintendência do Ensino Fundamental 1 e 2 do Grupo Educacional Acesso, em Curitiba (PR).

Páginas Abertas Indica

Mitos e lendas do Brasil em cordel

Nireuda Longobardi

O livro *Mitos e lendas do Brasil em cordel* revela um Brasil riquíssimo em histórias e lendas. A obra trata de feitos que nascem do povo e que, geralmente, vêm em resposta a um contexto social pleno de questões de cunho moral. Essas mesmas histórias se espalham pelos quatro cantos do país, passando por diversos estados brasileiros, e, com isso, misturam-se a novos elementos. O cordel também é reconhecido como uma manifestação de nossa cultura. Nos estados do nordeste brasileiro, essa forma de expressão vem ganhando força e valorização. A junção desses dois elementos numa mesma obra retrata, de forma pedagógica, a beleza e riqueza da cultura popular brasileira.

Formato: 21 cm x 27 cm **Páginas:** 56

Diga não às drogas e ao álcool

Um guia para crianças

Jim Auer

Ilustrações: R. W. Alley

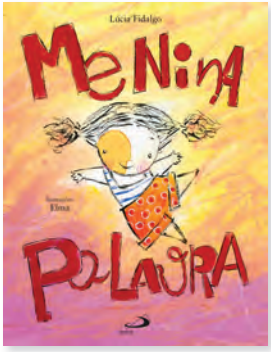
A educação sobre dependência química é um assunto que preocupa a todos e que deve ser tratado desde cedo por pais, familiares e professores. Crianças e jovens vivem em uma sociedade marcada por vícios mortais – e o convite para experimentar substâncias perigosas muitas vezes surge de amigos e pessoas próximas. Por isso, preparar as crianças para não sentir vontade de experimentar é fundamental. O livro ensina o que são a droga e o álcool, os efeitos e as consequências que causam na vida das pessoas. O objetivo da obra é alertar as crianças sobre o sofrimento que a escolha de experimentar pode causar a elas e à família. Com linguagem agradável e ilustrações atraentes, o autor orienta os pequenos a recusar drogas e alcançar seus sonhos e desejos.

Formato: 20,5 cm x 20,5 cm **Páginas:** 32

Menina Palavra

Lúcia Fidalgo

Ilustrações: Elma



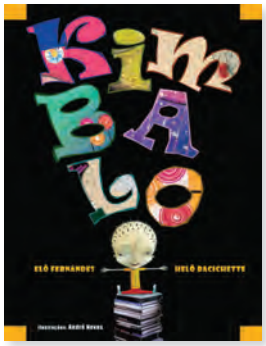
No livro *Menina Palavra*, a autora Lúcia Fidalgo narra o fascínio de uma menina, em fase escolar, ao descobrir um mundo repleto de novos conhecimentos: palavras, leitura e muitas histórias. As descobertas levam a Menina Palavra a perder o medo da escola e sentir-se à vontade no ambiente escolar. A narrativa também trabalha a relação afetiva entre criança, família e escola. Direcionada ao público infantil, a obra aborda assuntos relacionados ao letramento e ao gosto pela leitura.

Formato: 21 cm x 27,5 cm **Páginas:** 24

Kimbalo

Elô Alves Fernandes e Helô Bacichette

Ilustrações: André Neves



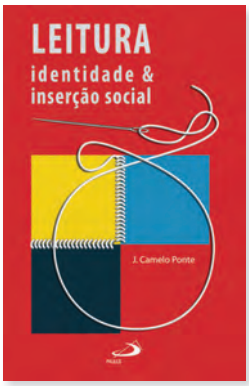
O livro *Kimbalo* apresenta poemas que ajudam os pequenos leitores a viajar pela imaginação. Um convite à aventura sem fim, que mistura palavras, sonhos, ideias, cores e tudo o que existe e pode virar poesia em um passe de mágica. Com *Kimbalo*, toda viagem à imaginação vale a pena, pois sempre há muito o que aprender.

Formato: 21 cm x 27,5 cm **Páginas:** 32

Leitura

Identidade & inserção social

J. Camelo Ponte



A obra é um "exercício" de leitura e escrita de um mundo cujo objetivo é mostrar que um mesmo texto pode possibilitar infinitas interpretações por diferentes leitores. Além disso, ela apresenta uma breve retrospectiva histórica das práticas de leitura a partir da Idade Moderna até os dias atuais, bem como uma perspectiva do futuro da leitura como uma prática cultural, social e individual imprescindível para a formação dos indivíduos.

Formato: 13,5 cm x 21 cm **Páginas:** 151

Filosofia

Antiguidade e Idade Média – Vol. 1

Dario Antiseri e Giovanni Reale

Este livro é o primeiro volume da coleção Filosofia. Em versão revista e ampliada, a obra atualiza a renomada coleção História da Filosofia, publicada pela primeira vez no ano de 1983. A proposta de Dario Antiseri e Giovanni Reale é apresentar a história dos problemas filosóficos, as teorias e argumentações que intermedeiam o desenvolvimento da ciência. Neste primeiro volume, abordam-se a gênese da filosofia (especificamente a grega antiga, com os pré-socráticos, os sofistas, o Helenismo, além de Sócrates, Platão, Aristóteles e outros) e a filosofia desenvolvida na Idade Média (Patrística e Escolástica).

Formato: 16 cm x 23 cm **Páginas:** 704

Platão e a questão da alma

Monique Dixsaut

A obra discursa sobre a questão da alma em Platão, adentrando suas particularidades de uma maneira mais sistemática e focal. Nos *Diálogos*, não há questão mais complexa que a questão da alma, pois qualquer outra a implica, de modo que, para Platão, fazer abstração dela é tornar qualquer problema insolúvel. Ela é o liame interno que impede à psicologia, à ética, à política ou à cosmologia platônicas constituir-se domínios autônomos: todas as coisas se encontram amarradas, pois tudo converge para a alma e se inscreve nela.

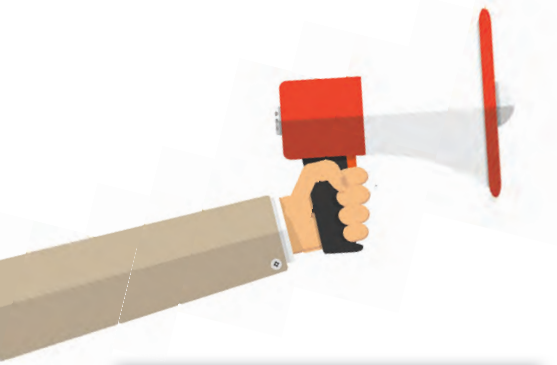
Formato: 13,5 cm x 21 cm **Páginas:** 432

Introdução à lógica

Harry J. Gensler

O volume une o costumeiro escopo mais amplo de qualquer livro de lógica disponível a uma escrita clara e concisa e a exemplos e argumentos interessantes. Conta ainda novos detalhes da história da lógica, da lógica deviante e da filosofia da lógica, além de incluir um índice e um novo apêndice com leituras sugeridas. Nesta obra, ainda é possível encontrar modos de testar argumentos mais simples, como os aspectos informais de raciocínio; raciocínio indutivo; lógica proposicional e quantificacional; lógica modal, deôntica e de crenças; formalização de uma teoria ética sobre a regra de ouro, entre outros tópicos. A leitura é apropriada para o estudo autodidata e a preparação para o vestibular.

Formato: 16 cm x 23 cm **Páginas:** 512



Os jovens e a POLÍTICA

Divulgação

Andei lendo umas pesquisas sobre as relações entre os jovens e a política que me deixaram preocupado. Parece que existe uma grande indiferença dos jovens a respeito da vida política brasileira. Os inúmeros casos de corrupção que vêm sendo denunciados pela imprensa praticamente todos os dias têm levado os jovens a desconfiar de todos os políticos e a desacreditar da importância da política. Essa descrença seria responsável pelo crescente desinteresse da juventude por assuntos políticos, com a desvalorização até do ato de votar, que, todos sabemos, é essencial para o funcionamento saudável da democracia. Para muitos jovens, votar não é importante e, se não fossem obrigados, não exerceriam esse direito.

Essa situação é preocupante porque não há jeito de melhorar o país sem a participação efetiva dos jovens. Eles são o futuro do Brasil. É um clichê, sem dúvida, mas é também a pura verdade. Nas mãos de quem estará o país em alguns poucos anos? Nas mãos dos que agora são jovens. Se a grande maioria for alienada, como faremos a renovação saudável dos nossos quadros políticos? Quem serão os candidatos? Quem serão os eleitos?

Mais do que nunca, o papel da escola nesse processo torna-se fundamental. É necessário que ela ajude a promover discussões sobre o papel da política na nossa vida. Ficar indiferente ao que acontece à nossa volta é contribuir para que tudo fique como está. O futuro não cai do céu; ele deve ser construído. Por isso, os jovens devem saber que são eles que deverão ajudar a construir o país em que gostariam de viver.

A escola pode e deve ser esse espaço privilegiado de troca de ideias, de discussões sobre o que é uma democracia e como ela funciona. Não se trata, evidentemente, de falar bem ou mal de partidos políticos. Trata-se de ajudar os alunos a tomar consciência de que eles são, sim, seres políticos que cedo ou tarde serão chamados a construir um Brasil ético, um Brasil que combata, de fato, as enormes desigualdades sociais, que não tolere a política rasteira e corrupta dos favores e das negociatas. Só se melhora a situação em que estamos com mais consciência política, não com menos. Essa é a verdadeira formação para a cidadania.

* Douglas Tufano é professor de Português, Literatura e História da Arte, formado em Letras e Pedagogia pela Universidade de São Paulo e pós-graduado em História e Filosofia da Educação. É autor de livros didáticos e paradidáticos nas áreas de Língua Portuguesa e Literatura. E-mail: dgtufano@terra.com.br

NOVOS CAMINHOS NOVAS DIREÇÕES

Na próxima edição, a **Páginas Abertas** embarca em uma viagem de volta às origens da revista. E você, leitor, é nosso convidado de honra nesta (nem tão) nova caminhada!

A partir de 2018, a revista vai deixar você por dentro das novidades editoriais mais importantes da PAULUS. Venha conferir as dicas especiais dos nossos catálogos de educação, comunicação, filosofia, teologia, infantojuvenil e muito mais.

ESPERAMOS VOCÊ. ATÉ LÁ!

PAULUS

Era uma vez...

...os clássicos que nunca saem de moda

96 páginas | 176 páginas | 264 páginas | 256 páginas

Fábulas de Esopo

Adaptação de
Regina Drummond
Ilustrações de
Veruschka Guerra

Nos contos deste livro, Esopo apresenta, pela primeira vez, animais como personagens, valendo-se deles para representar as virtudes e as falhas humanas.

Contos de Andersen

Tradução de
Virginia Küster Puppi
e Alexandre Carvalho
Ilustrações de
Veruschka Guerra

"O patinho feio", "Polegarina", "A Rainha da Neve"... Esta edição reúne alguns dos mais belos contos de Andersen, ilustrados por Veruschka Guerra.

Os contos de Grimm

Tradução de
Tatiana Belinky
Ilustrações de
Veruschka Guerra

Em edição primorosa, o livro apresenta 49 contos dos consagrados irmãos Grimm. Suas histórias populares e lendas continuam atuais, mesmo após dois séculos de criação.

Contos chineses

Tradução de
Thereza Christina
Ilustrações de
Veruschka Guerra

Os 37 contos clássicos deste livro são a sua oportunidade de conhecer uma das literaturas mais antigas e ricas do mundo, construída ao longo de cinco mil anos de história.

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

editorapaulus

PAULUS